



CRISE ECONÔMICA CRIA RUAS E BAIRROS FANTASMAS EM RIBEIRÃO

Com pandemia, atividade comercial perde força e gera onda de falências na região | p.11

RIBEIRÃO SE TRANSFORMA EM POLO DE INOVAÇÃO NO CAMPO

Tradicionalmente ligada ao agronegócio, a cidade também é referência em iniciativas tecnológicas para otimizar agricultura rural | p.13

A TENDÊNCIA DE NOMES INSPIRADOS EM JOGADORES DE FUTEBOL

Sucesso nos gramados cria geração de crianças chamadas Neymar, Gabriel e Bruno Henrique | p.17

REGIÃO TEM FILA PARA TRATAMENTO PREVENTIVO CONTRA HIV

Realidade é de fila para adquirir o medicamento usado para o tratamento preventivo ao HIV, mas autoridades de saúde negam desabastecimento | p.4

EMPRÉSTIMOS PODEM SER UMA BOA SAÍDA PARA OS ENDIVIDADOS NA PANDEMIA?

A fim de evitar juros no cartão de crédito e impedir alta no cheque especial, muitas pessoas optaram por fazerem empréstimos | p.10

TRABALHADORES DOMÉSTICOS ENFRENTAM ABUSOS

Brasil é o país que mais possui trabalhadores domésticos no mundo e muitos desses profissionais não recebem devida remuneração | p.6

MULHERES NEGRAS RELATAM RACISMO NA PROSTITUIÇÃO

Preocupação em demonstrar qualidade no trabalho para garantir bons clientes e a diferença no dia a dia das garotas de programa negras | p.9

BOCHA PARALÍMPICA APOSTA EM DINAMISMO DURANTE A PANDEMIA

Modalidade foi adaptada com aulas online para manter os atletas praticando durante o período da Covid-19 | p.18



AGENTES FUNERÁRIOS LIDAM COM ROTINA MAL COMPREENDIDA

Depois do caixão lacrado e enterrado, restam os olhos cheios de lágrimas, gritos revoltantes de uma mãe que perdeu o filho e os preconceitos | p.7



K-POP CRESCE 47% NO BRASIL EM 2020, SEGUNDO SPOTIFY

Além de romper barreiras, o estilo musical sul-coreano também tem transformado a vida dos fãs | p.20

JORNALISMO DE EXCELÊNCIA



MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO



RÁDIO UNAERP
Programa de rádio ao vivo



LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA
Jornalismo impresso e online



LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA
Fotojornalismo



LABORATÓRIO DE TELEVISÃO E TV UNAERP
Canal 10 da NET



LABORATÓRIO DE ÁUDIO
Radiojornalismo



SALAS DE ORIENTAÇÕES
Orientação de TCC e Estágio Supervisionado

ACESSE O PORTAL

jornalismounaerp.com.br
para conhecer os projetos e as produções
dos alunos nas diversas áreas de atuação



APAES SE REINVENTAM PARA SOBREVIVER NA PANDEMIA



Com queda de arrecadação, entidade busca caminhos alternativos para dar sequência a trabalho com portadores de deficiências físicas e mentais

ISABELA FRESCHI

Desde março de 2020, a pandemia vem prejudicando o mundo. Um dos setores mais afetados foi a educação, principalmente de pessoas com necessidades especiais. As Apaes sofreram com queda de contribuições e precisaram se reinventar para continuar com os bons atendimentos ofertados àqueles que precisam.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo é promover atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. Hoje, no Brasil, essa mobilização social presta serviços de educação, saúde e assistência social a quem deles necessita, constituindo uma rede de promoção e defesa de direitos das pessoas com deficiência intelectual e múltipla.

Para a diretora da Apae de Monte Alto, Simone Oliveira, os serviços ofertados são essenciais, já que englobam educação, saúde e assistência social. "A continuidade dos serviços da Apae acaba sendo fundamental para as pessoas com deficiência. Consideramos, até por ser um serviço especializado, mesmo na área da educação, saúde e assistência social, que são serviços essenciais e podem ter danos irreversíveis caso a gente faça uma interrupção brusca dos serviços", diz.

A entidade, mesmo durante esse momento de incertezas, não parou com os atendimentos, eles foram todos seguindo os decretos municipais, Plano São Paulo e orientações da vigilância sanitária. Atualmente, a escola e os atendimentos de assistência social estão em serviço remoto, através de videoaulas e orientações enviadas através dos grupos no WhatsApp. Alguns serviços de assistência ainda são mantidos presenciais, como anamneses, triagens, estudos sociais, visita domiciliar, acompanhamento com família, atendimento e orientações dos benefícios. No âmbito da saúde, os atendimentos neurológicos e odontológicos não pararam e foram realizados de forma sistemática, respeitando todos os protocolos.

Neste período, houve cortes de verbas federais para a parte de assistência social. "Às vezes a gente tem um pouco de atraso no repasse do estadual, mas o do federal houve um corte. Mas, esse corte já havia acontecido antes mesmo da pandemia, acredito que não foi especificamente por conta da pandemia", afirma Simone. As arrecadações provenientes de eventos próprios zeraram, pois não pode haver aglomerações.

Atualmente, o polo de Monte Alto atende em média duzentas pessoas, sendo que o mais novo tem apenas três meses e o mais velho, 70 anos. Os atendimentos são específicos para cada fase da vida, pois cada um tem uma

necessidade diferente. A unidade montealtense atende também os alunos dos distritos de Aparecida do Monte Alto, Ibitirama e da cidade de Vista Alegre do Alto. "Esporadicamente, a gente recebe um caso ou outro em parceria com alguma Apae da região para fazer um atendimento muito pontual, as vezes de neuro, as vezes de dentista, as vezes um auxílio que de Apae para Apae a gente dá a retaguarda", conclui.

POR TRÁS DAS TELAS

Para os professores, o fato de estar longe dos alunos e ter que gravar as aulas e depois compartilhar com eles via WhatsApp está sendo muito difícil, já que estavam acostumados a ter o contato com os alunos diariamente e a preocupação aumenta, pois é necessário explicar de uma forma que todos possam entender e conseguir realizar.

"A dificuldade maior no aprendizado é de não saber como e o quanto o aluno está recebendo dessas informações através de vídeo aulas. Observo as devolutivas dos alunos e procuro gravar vídeo aulas de uma forma bem simples e detalhada, mas com os conteúdos que estão no planejamento da escola e da avaliação", afirma a professora Nilza Pereira.

"Eu trabalho na Apae há 14 anos e estou na mesma sala de aula há 8 anos, são alunos de 14 a 30 anos. Quando um aluno faz 14 anos ele é avaliado para entrar na sala e quando o aluno faz 30 anos ele sai

desse programa e vai para outro acima de 30 anos. Então, eu praticamente conheço todos ou a maioria, é um ou outro que entra na sala e eu preciso ficar mais atenta até conhecê-lo. Com o faz bastante tempo que estou nessa sala acabo conhecendo a dificuldade de cada um e trabalhando mais nesse aspecto", diz.

No caso dessa época de pandemia, Nilza precisou se reinventar para conseguir auxiliar seus alunos, principalmente aqueles que têm mais dificuldades e necessitam de uma motivação a mais. "Procuro motivá-los com áudios e quando o aluno não participa das atividades, entro em contato com a família para saber qual a dificuldade e se for preciso vou até a casa para ter o contato mais direto. A família que diz que não dá para acompanhar por videoaulas, eu preparo atividades mais específicas para que ele possa fazer e devolver no final do mês", conclui.

O OUTRO LADO

Assim como está sendo difícil para os professores e colaboradores, os alunos também sofrem. Alguns demoram para se acostumar e entender que o isolamento é necessário para o bem deles e que esse é o novo normal. É o caso da jovem Yasmin Santos, de 16 anos, que desde os quatro anos foi diagnosticada com Síndrome de CHARGE (Coloboma, cardiopatia, atresia das coanas, atraso do crescimento e desenvolvimento, hipoplasia dos genitais, anomalias dos pavilhões auriculares/surdez). A mãe da jovem, Silvia Santos, relatou que este período de isolamento e sem aulas presenciais está sendo muito difícil para Yasmin, pois ela sente falta da professora e dos amigos.

Há, ainda, dificuldades no aprendizado. "A maior dificuldade é fazê-la entender que quem tem que passar as atividades para ela somos nós, não a professora". Há também, atividades que a jovem não faz, por causa das dificuldades. "Nem sempre ela faz, pois com a professora pra eles é mais fácil entender do que a gente explicando", completa.

O apoio familiar, muitas vezes, é um problema para famílias que possuem portadores de necessidades especiais. Muitos pais não têm a paciência necessária, outros trabalham muito e não tem muito tempo para cuidar dos filhos. O caso da Yasmin não é muito diferente, os pais e o irmão trabalham o dia todo, porém, os pais conseguem dar atenção para ela. "Essa situação é muito delicada, mas conseguimos ter o tempo necessário para ajudá-la também".

EXPEDIENTE

Fundado em 1987, o Jornal do Ônibus é produzido pelos estudantes da quinta e sexta etapas do curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto) e distribuído gratuitamente aos usuários do transporte coletivo urbano nos principais pontos de ônibus da cidade.

REITORIA DA UNAERP UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO: Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

DIRETORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - GRADUAÇÃO: Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO: Prof. Geraldo José Santiago

AUXILIARES DE EDIÇÃO: André Bettarello, Cárila Covas, Isabella Mengelle e João Pala

REPORTAGEM: Ana Clara Albuquerque, André Bettarello, Bruno César, Cárila Covas, Daiane Filippin,

Enrico Molina, Gabriel Idalgo, Gabriel Melo, Henrique Escher, Isabela Freschi, Isabella Mengelle, João Pala, Juliana Rodrigues, Karla Rodrigues, Larissa Fernandes, Laura Oliveira, Léia Coelho, Lídia Mattos, Lívia Macário, Liz Velocci, Luís Santana, Marina Parada, Marissa Mendonça, Matheus Miletta, Michael Borges, Miguel Mathias dos Reis, Paulo Ricardo Pedro Ferro, Thomaz Cavalcanti, Victor Fernandes e Vinicius Botelho

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Editor Chefe: Rafael Reis
Projeto Gráfico: João Flávio Almeida
Edição Fotográfica: Jefferson Barcellos
IMPRESSÃO
Herograf
UNAERP
Universidade de Ribeirão Preto Curso de Jornalismo Av. Costábile Romano, 2.201 CEP 14.096-380 Ribeirão Preto - SP

TRATAMENTO PREVENTIVO AO HIV TEM FILA E INDIGNAÇÃO NA REGIÃO

Usuários relatam longa espera por PrEP, mas autoridades de saúde negam que exista desabastecimento da medicação

MATHEUS MILETTA

Pedro Lucas da Silva, de 20 anos, que mora em Sertãozinho, estudou biologia na UFSCar. Ele é uma das pessoas que está na fila de espera para tratamento de PrEP (Profilaxia pré-exposição), que pode tornar o corpo humano até 100% seguro contra a proliferação do HIV, se tomado regularmente.

O tratamento exige o acompanhamento médico, pois pode ocorrer a alteração do ritmo intestinal, perda óssea, alteração da função renal e dores no estômago do paciente. Pedro se sentiria muito mais seguro se tivesse acesso ao tratamento. “Por mais que eu sempre utilize preservativo nas minhas relações,

saber que tem um medicamento que possui eficácia em relação ao vírus do HIV me deixou muito mais à vontade”.

“Um amigo meu, que é estudante de medicina, disse que se caso eu fosse para a entrevista, eu precisaria de certa forma mentir e falar que sou garoto de programa, e que não uso preservativos, para inventar algum motivo se não, eu não receberia os comprimidos”, contou Pedro.

Pedro está esperando o retorno de contato desde o início desde 2020, e conta que no momento não se interessa mais pelo tratamento por conta da demora e do momento de pandemia. “Gostaria sim que tivesse mais no estoque para quem precisa, mas eu deixei para lá”.

O estudante de música da USP Isaque Martins, de 24 anos, reside em Ribeirão Preto e tinha interesse em realizar o tratamento para segurança extra, ficou sabendo dos benefícios por uma página de apoio à comunidade LGBTQIA+ que estava realizando a campanha.

Quando Isaque foi ao local indicado para receber o tratamento, foi informado que não estava sendo mais disponibilizado a PrEP, e que ele precisaria pesquisar em outros núcleos que poderiam ter disponíveis, e ao entrar em contato, recebeu as mesmas informações.

Em entrevista Isaque disse “Quando eu fui em setembro, pensei em denunciar o descaso do SUS em não fornecer o que é um direito, sendo que entro em todos os requisitos para o tratamento, nem lista de espera eu tive. Só desisti da

denúncia por conta da burocracia e pela falta de informações, ninguém sabia o porquê do descaso”.

O medicamento, que é oferecido gratuitamente pelo SUS como direito de todos, está enfrentando contradições de pessoas que relatam problemas para ter acesso ao tratamento, como a fila de espera ou simplesmente tem dificuldade, sem as informações do porquê.

O Ministério da Saúde de Ribeirão e a Coordenação do Programa Municipal de DST-AIDS, Tuberculose e Hepatites Virais informaram que o medicamento não está em falta, mas também não souberam explicar o motivo da existência de uma lista de espera.

Porém algumas UBDSs informaram que existe uma grande demanda, e que por isso eles criam um sistema, mas que

não chega ser de espera, e sim um projeto de interesses que eles retornam o contato quando surgir vaga disponível.

O Programa Municipal de Saúde, Tuberculose, Hepatite e vírus gerais de Ribeirão Preto, indicou que existe a PrEP particular, mas muitas pessoas não tem o poder aquisitivo e que somente o Brasil tem o medicamento gratuito pelo SUS, que é liberado para toda a população e sem grupos de prioridade.

“Eu sinto uma falta de responsabilidade e compromisso do SUS, a opção de não ofertar o tratamento que previne uma das doenças mais fatais do mundo, é uma irresponsabilidade. Eu acabo me sentindo vulnerável pois sinto que está ferindo os meus direitos básicos”, finalizou Isaque.



TURISMO DA SAÚDE NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO

Referência nacional, Hospital das Clínicas atende pacientes do Brasil inteiro e com isso aumenta número de “turistas” na cidade e região

VINICIUS BOTELHO

O Hospital das Clínicas é a principal referência médica da região de Ribeirão Preto. São 90 municípios atendidos pelo hospital, totalizando aproximadamente 4 milhões de pessoas beneficiadas todos os anos pelo centro de saúde. Além disso, pessoas de todo o Brasil viajam milhares de quilômetros em busca de tratamento e curar suas enfermidades no interior de São Paulo.

Um caso recente e que teve repercussão nacional foi a cirurgia de separação realizada em duas gêmeas siamesas, em 2018. Maria Ysabelle e Maria Ysadora vieram do Ceará para realizar uma cirurgia inédita no Brasil. Foram oito meses de um procedimento extremamente complexo, que foi um sucesso e garantiu a saúde e qualidade de vida para as duas pequenas.

Superintendente do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, o médico e professor Benedito Carlos Maciel está à frente do cargo máximo do centro médico que funciona em parceria com a Universidade de São Paulo. Segundo ele, um dos grandes fatores que engrandecem o

hospital é o desenvolvimento de tecnologias para a saúde do país.

“O Hospital das Clínicas constitui uma referência nacional e faz parte de várias redes de atenção à saúde, com ofertas de serviço ao SUS, como Cardiologia, Neurologia/Neurocirurgia, Oncologia e Ortopedia. Por ser campo de ensino e pesquisa para a Faculdade de

políticas públicas de saúde, inclusive por desenvolver tecnologia de ponta em várias especialidades médicas, que são disponibilizadas ao SUS”, explica.

Sendo uma das especialidades do centro de saúde, o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto possui uma estrutura de primeira para pacientes com câncer, conta Benedito. “Os pacientes oncológicos advindos de outras cidades contam com o apoio do Grupo de Apoio a Criança com Câncer – GACC que oferece apoio integral de ordem biopsicossocial, à criança com câncer e sua família. Dispõe de uma casa, no Campus da USP, onde são alojadas as crianças em tratamento e seus familiares. O Grupo de Apoio

Eunice viveu essa realidade. Aos 60 anos, foi diagnosticada com câncer de mama e fez todo o tratamento no HC. Os primeiros exames, realizados na cidade de Sertãozinho em 2014, detectaram um tumor maligno, que foi retirado com sucesso em uma cirurgia feita no próprio HC. Segundo Eunice, o apoio dos profissionais foi essencial para o êxito no tratamento. “As enfermeiras sempre com muita paciência, muita preocupação com os pacientes. A médica que fez a minha cirurgia dizia: “Eunice, me ajude a te ajudar.”

Após 28 sessões de radioterapia e seis anos de tratamento oral, Eunice finalizou o tratamento e agora está na fase final do acompanhamento. Mesmo com o susto,



Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, o hospital é de grande importância para o Sistema Único de Saúde, tanto pela expressiva produção de serviços para a população que dele depende, quanto pela discussão das

ao Transplantado de Medula Óssea – GATMO conta também com uma casa de apoio, no Campus da USP, para dar assistência aos pacientes carentes de recursos financeiros, no pré e pós transplante de medula óssea.”

ela conta que a estrutura do hospital forneceu todo o material que ela precisava para ser tratada, com qualidade e conforto, fazendo até mesmo o medo embora. “Fui tão bem tratada que todo o medo que estava até parece ter passado”.



AS DIFICULDADES E FRUSTRAÇÕES DE MULHERES GRÁVIDAS DURANTE A PANDEMIA

Dificuldades para comprar enxoval, ausência de chás e proibições de visita são as reclamações mais frequentes das gestantes durante Covid

LUÍS SANTANA



Sobreviver em uma época pandêmica não tem sido fácil para ninguém. Para as mulheres que carregam em sua outra vida, a luta é mais do que dobrada. Medo, angústia e um futuro incerto. Os nove meses de gestação durante a pandemia de COVID-19 tornam-se uma grande batalha física e psicológica.

As incertezas são tantas que no dia 16 de abril de 2021, o secretário do Ministério da Saúde Raphael Parente, em entrevista coletiva, recomendou que as mulheres brasileiras, se possível, adiassem seus planos de gravidez durante o período da pandemia de Covid-19.

“A minha maior insegurança era contra o Covid-19 e não saber como seria a reação na gravidez. Se afetaria a criança, se teria alguma má formação ou até mesmo alguma complicação durante a gestação”, relata Ginéa Torres, recepcionista que acabou afastada do trabalho por conta dos possíveis riscos na sua gravidez, em meio à pandemia do coronavírus. De acordo com um estudo apresentado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, grávidas infectadas estão mais sujeitas a um parto prematuro. Contudo,

as taxas de nascimentos antecipados durante a pandemia não foram altas até o presente momento.

Ginéa ainda conta que “durante a gravidez, é normal que as mulheres se tornem mais sensíveis e carentes da presença de pessoas”. Entretanto, a situação pandêmica impede que as gestantes consigam um contato frequente com quem elas gostam e acabem passando sozinhas por esse processo, ou com a presença mínima de amigos e parentes. “Eu fiquei isolada durante a pandemia, foi muito difícil lidar com isso. Acabou sendo uma gravidez solitária demais”, desabafa.

A gravidez é um momento único e comemorativo para a maioria das mulheres. No entanto, a pandemia acabou inibindo muitas mães de terem um período de gestação com festas e alegria pela chegada do bebê. Ginéa relata que suas maiores dificuldades acabaram sendo “a falta de contato físico com pessoas importantes” e também “não conseguir fazer algumas comemorações que poderia organizar estando grávida”. Segundo ela, não poder estar próxima da família mais vezes foi a situação

mais complicada que precisou enfrentar durante a gestação.

Os tradicionais chás de bebê, de fralda e revelação acabaram sendo suspensos pela maioria das grávidas, pela necessidade de distanciamento social e para evitar aglomerações. Algumas conseguiram inovar e sanar esse momento único, revelando o sexo do bebê através de videoconferência com a família e amigos pela internet. Mãe de primeira viagem, a estudante Jessica Costa decidiu organizar o seu chá de bebê de maneira inusitada.

“Com as inovações proporcionadas pela pandemia, irei fazer o chá drive-thru. Não é da forma que gostaríamos que fôssemos, com todos reunidos em um local, mas espero que seja legal”, conta. O esquema será que todos ficarão dentro de seus carros e levarão os presentes para Jessica, comemorando o momento apenas com quem está dentro do próprio veículo. “Espero que seja legal, pois irei conseguir ver familiares e amigos, mesmo que seja com distanciamento e uso de máscaras”, finaliza.

POSTINHOS DA FAMÍLIA TENTAM DESAFOGAR SISTEMA DE SAÚDE

Índice de unidades familiares em Ribeirão fica abaixo da média do estado

LAURA OLIVEIRA

O SUS tem como princípio ser para todos; ser, apesar de seus muitos membros, como um; ser justo. De acordo com o Ministério da Saúde, a melhor forma de cumprir com esses princípios é através da atenção básica, do postinho. Como pilar da atenção, está a Estratégia de Saúde da Família - ESF, que busca organizar a saúde pública.

A estratégia implantada em 1993 pelo então Ministro da Saúde ribeirão-pretano Henrique Santillo (1993-1994), reúne uma equipe multiprofissional a fim de monitorar, prevenir e diagnosticar doenças precoces.

Dessa forma, as Unidades de Saúde da Família - USFs, agem como um pré-atendimento, encaminhando pacientes para as áreas necessárias e muitas vezes solucionando o problema antes mesmo de precisar da especialidade.

RIBEIRÃO PRETO

Em Ribeirão Preto, o Programa de Saúde da Família, que foi aplicado ini-



cialmente em meados dos anos 2000, cobre atualmente 22% da população, segundo a Secretaria da Saúde do município, o que é considerado baixo se comparados aos índices estaduais, visto que São Paulo registra índices de 38,82%. De acordo com o Ministério da Saúde.

De acordo com a enfermeira e coordenadora da ESF na Secretaria da Saúde de Ribeirão Preto, Ana Paula Raizaro, a prefeitura possui, em seu plano municipal, o objetivo de aumentar essa cobertura para 40%.

Apesar do plano, a enfermeira afirma que o processo de ampliação de áreas de cobertura é gradual e pode levar tempo. Para que isso aconteça é necessário inicialmente que se tenham unidades preparadas para receber o programa, além da verba fundamental para essa ampliação. “Para você expandir uma equipe de saúde da família, ela não é barata, ela

sai, em termos de custo, um pouquinho mais cara que uma equipe de atenção primária” diz Ana Paula.

Além disso, de acordo com a coordenadora, é preciso que esse processo seja muito bem planejado e coordenado com o Ministério da Saúde.

EQUIPE

A médica de saúde da família Janice Fernanda Souza Vitor da USF Eugênio Mendes Lopes, diz “[o postinho] é a porta de entrada do paciente na rede de assistência à saúde, ..., o primeiro contato”.

A equipe que compõe as USFs é composta por um médico generalista, ou especialista em Saúde da Família; um enfermeiro; um auxiliar ou técnico de enfermagem; e ACSs - Agentes Comunitários de Saúde.

Os agentes são os maiores diferenciais das USFs. “São nossos olhos, nossos ouvidos e muitas vezes nossos

braços, pelo vínculo que eles têm com a comunidade e com a população” diz Ana Paula. São responsáveis não só por auxiliar os médicos e enfermeiros em projetos de conscientização da população, mas também e principalmente manter contato direto com os pacientes, estreitando as relações sistema de saúde-família.

A principal função desses profissionais é a realização de visitas domiciliares a fim de formar perfis de pacientes da área da cobertura da USF. Ao ultrapassar os limites da unidade, os ACSs entram em contato não só com a ficha médica dos pacientes, assim como com a sua família, e com o local em que vivem, possibilitando uma melhor quantificação epidemiológica das doenças.

“Eles [os ACSs] veem a população da área de abrangência, ..., uma parcela dessa população vem na unidade mensalmente, então eu vejo uma fatia só do bolo”, diz Janice.

Ao elencar doenças crônicas e não crônicas, transmissíveis e não transmissíveis, a USF se vê melhor capacitada para propor ações de saúde e campanhas de conscientização específicas para determinada região.

CORONAVÍRUS

As equipes de saúde da família e das unidades básicas, possuem as mesmas responsabilidades em relação ao combate à pandemia do coronavírus. Como postos de saúde, sua principal função é o acolhimento da população sintomática, e, se necessário, encaminhamento para o devido tratamento. As USFs, nesse momento de pandemia, reforçam os trabalhos de conscientização, a fim de reduzir os números de contágio, além de monitorar os pacientes contaminados.

ROTINA DE TRABALHADORES DOMÉSTICOS TEM EXPLORAÇÃO, HUMILHAÇÕES E ASSÉDIO SEXUAL

Profissionais relatam irregularidades e abusos cometidos por patrões durante jornadas de trabalho

MICHAEL BORGES

“Já passei dia trabalhando com fome. Eu tinha que levar ou comprar marmitta. Se fosse comertinha que pedir permissão. Uma vez, eu já estava passando mal, comi uma maçã e quando minha patroa chegou ela contou quantas tinham, reclamou e falou que a fruta era só para os filhos”, conta Carolina (que optou por não ter o sobrenome revelado). Com 19 anos, ela encarou o seu primeiro emprego. Precisando sustentar a casa e cuidar da sua irmã mais nova, ela foi submetida a diversas explorações. Além de cuidar de duas crianças, precisava organizar a casa e mesmo não podendo comertinha que cozinhar, trabalhando em jornadas excessivas. “Meu horário de trabalho era das 8 da manhã e o combinado era sair às 20 horas da noite, só que eu saía sempre quase 22 horas”, ressalta.

PROFISSÃO

O Brasil é o país que mais possui trabalhadores domésticos no mundo, porém é um dos que menos valoriza a profissão. Muitos profissionais não



recebem seu devido reconhecimento e acabam vivendo uma realidade de muito sofrimento e exploração. São inúmeros os casos de jornadas exaustivas, falta de alimentação, baixos salários e até assédios.

A informalidade é um dos problemas que mais causam irregularidades no trabalho doméstico. A legislação exige carteira assinada para a doméstica que trabalha a partir de três dias por semana na residência, mas o número de trabalhadores sem registro em carteira ainda é grande. Segundo dados da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, divulgada em 2020, são quase 5 milhões de trabalhadores domésticos sem registro, contra 1,7 milhão de empregados que são formalizados.

Maria (que pediu para não ter o nome divulgado) tem 46 anos, trabalha desde os 13 e já fez serviços de faxineira, cozinheira e babá. Conseguiu empregos com registro em

carteira mas os problemas sempre foram os mesmos. “Em um emprego registrado, eu trabalhava a mais do meu horário e sem fazer pausa para o almoço. Pedi para seguir meu horário e minha patroa achou ruim. Semanas depois eu fui demitida”, afirma.

ASSÉDIO

A informalidade deixa de garantir vários direitos trabalhistas, como décimo terceiro, férias, fundo de garantia, porém o que mais pesa é o baixo salário. “O combinado no meu emprego era receber R \$800,00, só que eu recebia R \$400,00. Eu ganhava um pacote de arroz, farinha e óleo no lugar da metade do dinheiro e minha patroa falava que iria voltar o salário normal e me registrar, mas isso nunca aconteceu”, relata Carolina. Decidida a procurar outro emprego, ela conta que a sua patroa a desacreditava a conseguir um novo trabalho e ficou nessas condições por mais de um ano.

O trabalho doméstico é exercido em sua maioria por mulheres. Segundo dados da Oxfam Brasil, as mulheres representam 97% do total desses empregos. Com isso, não são incomuns os casos de assédio. “Umavez, eu estava no trabalho lavando louça e meu patrão começou a elogiar o meu corpo, depois me perguntou se eu aceitava dinheiro para ficar com ele”, declara Maria. Ela relata que sentia medo de sofrer outros assédios e começou a usar roupas mais largas para tentar evitar novas investidas do patrão.

DENÚNCIA

O recomendado sempre é fazer uma denúncia, podendo abrir um boletim de ocorrência e até entrar com um pedido de indenização. Entretanto, pode ser difícil conseguir comprovar. Normalmente, a doméstica trabalha sozinha em casa e no momento da ocorrência ela está somente com o patrão. “Para ambos os casos, o grande problema é a comprovação do fato ocorrido e também a informalidade do emprego, não conseguindo comprovar vínculo de trabalho. O que pode dificultar conseguir dar andamento no processo”, explica Valdo Silva Costa, advogado especialista na área trabalhista. Ele recomenda tentar contar com alguma testemunha, salvar conversas em aplicativos de mensagem ou até mesmo estar preparado para gravar o momento da ocorrência.

Se os direitos garantidos estiverem sendo ficarem em emprego, os trabalhadores possuem meios para obterem ajuda, como o sindicato da categoria que é utilizado como defesa e resistência. “Os trabalhadores domésticos têm medo das podem garantir os seus direitos. O profissional pode ir no sindicato e pedir auxílio. Estamos tentando conscientizar esses trabalhadores para conseguir alguma mudança”, afirma Antônio Mauro, diretor do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Ribeirão Preto.

MÃES RELATAM DIFICULDADES DE FILHOS AUTISTAS NA PANDEMIA

Isolamento social transformou rotina de crianças e adolescentes que estão no espectro

LÍDIA MATTOS

Durante o período de isolamento social, as crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA) são umas das que mais enfrentam dificuldades com a nova rotina. A drástica mudança e a falta de recursos para se comunicar com as pessoas que estão no convívio são alguns dos desafios enfrentados.

Como explica a psicóloga e psicoterapeuta Fernanda Bonilha, uma condição do autismo é a necessidade de manter o controle do mundo à sua volta. “Esse controle é uma forma do autista tratar a angústia que pode invadir o seu corpo frente a uma manifestação inesperada das pessoas, ou a um desarranjo do mundo que ele conhece”.

Esse é o caso de Miguel, 9 anos, a mãe Andrea Botelho relata que no come-

ço da pandemia, os tratamentos com a psicopedagoga, fonoaudióloga, e terapia ocupacional eram feitos de forma on-line, mas que a partir do meio deste ano voltaram a ser presenciais. “Durante a pandemia ele se mostrou muito ansioso, com muita dificuldade na escola e no sistema online. E como a pediatra dele é homeopata, entramos com quatro tipos de medicamentos fitoterápicos para tentar controlar a ansiedade”.

Algumas crianças se adaptam ao novo formato de aulas e tratamentos on-line, mas outras não conseguem se concentrar em vídeos, fazendo com que os integrantes da família e especialistas que fazem o acompanhamento busquem outras formas de chamar a atenção.

Os acompanhamentos dos tratamentos que antes eram feitos no consultório, em alguns casos ocorrem por meio do uso da tecnologia, e em outros os pais apenas recebem orientações.

Shandra Oliveira, mãe do Caio, 12 anos, conta que precisou assumir 100% a me-



dição escolar do filho, que desde o ano passado não se adaptou com as atividades simultâneas oferecidas pela escola.

A psicóloga orienta que, para tranquilizar a criança que tem TEA, os familiares devem convidá-los a fazerem parte das atividades da rotina de forma que desperte o interesse. “Entretanto, é preciso considerar a singularidade de cada um desses afazeres, pois um pode se interessar pelo pregador de roupas, o outro pode gostar de acompanhar os pais quando saem com o cachorro, ou simplesmente estar presente na cozinha enquanto as refeições são preparadas”.

Maria Santana, mãe de Davi, 12, explicou que uma forma que encontrou de entreter o filho, que antes tinha uma rotina corrida foi criar um canal no Youtube. “Acredito que o canal foi como um refúgio para o Davi”.

A ajuda e apoio de especialistas e familiares no acompanhamento da criança é importante para a melhora do quadro clínico durante o período de isolamento social, evitando que este quadro se agrave. “O mais importante diante de tudo isso é manter a união da família, e respeitar os limites do autista”, finaliza Shandra.



PRECONCEITO FAZ AGENTES FUNERÁRIOS ATÉ ESCONDEREM PROFISSÃO

Profissionais da morte relatam angústias, dores e sofrimento de rotina mal compreendida pela sociedade

DAIANE MARCOLINO

O trabalho do agente não se encerra assim que o caixão é lacrado e enterrado a sete palmos do chão. É preciso fitar os olhos cheios de lágrimas de alguém que perdeu seu ente querido e não absorver toda aquela dor. É necessário silenciar os gritos de revolta de uma mãe que perdeu seu filho tão precocemente. O laço da vida de alguém foi rompido, mas a deles precisa continuar.

Roberval Puga fundou a funerária com seus pais em 1986, mas encerrou suas atividades 23 anos depois. Sua experiência nesse ramo foi marcada por várias histórias conturbadas. Ao contrário do que muitos pensam, ele afirma que a morte para eles é difícil, mesmo que esse fosse seu sustento.

Os óbitos de crianças eram os que mais mexiam com o emocional. Um de seus funcionários chegou a chorar copiosamente em cima do corpo de um bebê, foi quando Roberval precisou assumir a preparação do corpo, colocar as roupinhas e os enfeites. “Vi o coração dele desmanchando em pedacinhos”, diz.

Outra barreira que precisa ser enfrentada é lidar com os familiares do falecido. Um agente funerário, que preferiu não se identificar, conta sobre uma situação difícil que enfrentou. O corpo era de um bebê que nasceu prematuro e enquanto caminhavam em direção ao túmulo, um dos familiares pediu para abrirem o caixão. O profissional disse que a criança não estava totalmente formada e seria desconfortável para os pais ver seu filho daquela maneira. As pessoas presentes no local começaram a gritar dizendo que eles tinham o direito de se despedir. Assim que o caixão foi aberto, todos correram em direção ao corpo, a mãe se ajoelhou no chão e se debulhou em lágrimas. “Foi horrível. Uma dor que não dá para descrever”, diz.



Roberval relembra o caso de uma senhora que tinha as pernas atrofiadas e quando foi avisar a família que o enfeite no túmulo não ficaria reto, mas um pouco elevado, o filho pegou uma faca e disse para cortar as pernas de sua falecida mãe. Mesmo falando que não poderia fazer isso, o homem insistiu informando que ele autorizava o processo. Outra ocasião que o marcou, foi quando um dos familiares, durante o velório, desmanchou o enfeite da ponta do caixão para ver se os pés do falecido ainda estavam ali e quando não encontrou ficou desesperado. Acontece que o comprimento da urna era de um metro e noventa, já o falecido tinha em torno de um metro e sessenta. Com a cabeça apoiada no topo do túmulo, os pés não tocaram o fim do caixão e por isso o familiar não conseguiu ver. Mesmo explicando, tiveram que retirar todas as flores para comprovar que o corpo estava intacto.

“É um momento difícil e as pessoas não percebem certas coisas”, diz.

Assim como as dificuldades anteriores, o preconceito é uma realidade comum. Quando falam sobre sua profissão escutam frases como “Deus me livre”, “Misericórdia”, entre outros. O agente funerário afirma que algumas vezes chegou a desconversar quando perguntavam sobre seu trabalho em ambientes sociais, pois já estava cansado da forma que as pessoas o olhavam. “A gente sempre sente um certo julgamento”, diz. Roberval também relembra situações desagradáveis que enfrentava na sua antiga funerária, como pessoas se benzendo, fazendo sinal da cruz, entre outros gestos quando passavam em frente ao local. Isso deixava ele e seus pais extremamente ofendidos, pois era o seu local de trabalho. “Lidar com a morte nunca é fácil, mas tratamos com todo respeito e profissionalismo”, afirma.



Lidar com a morte nunca é fácil, mas tratamos com todo respeito e profissionalismo”



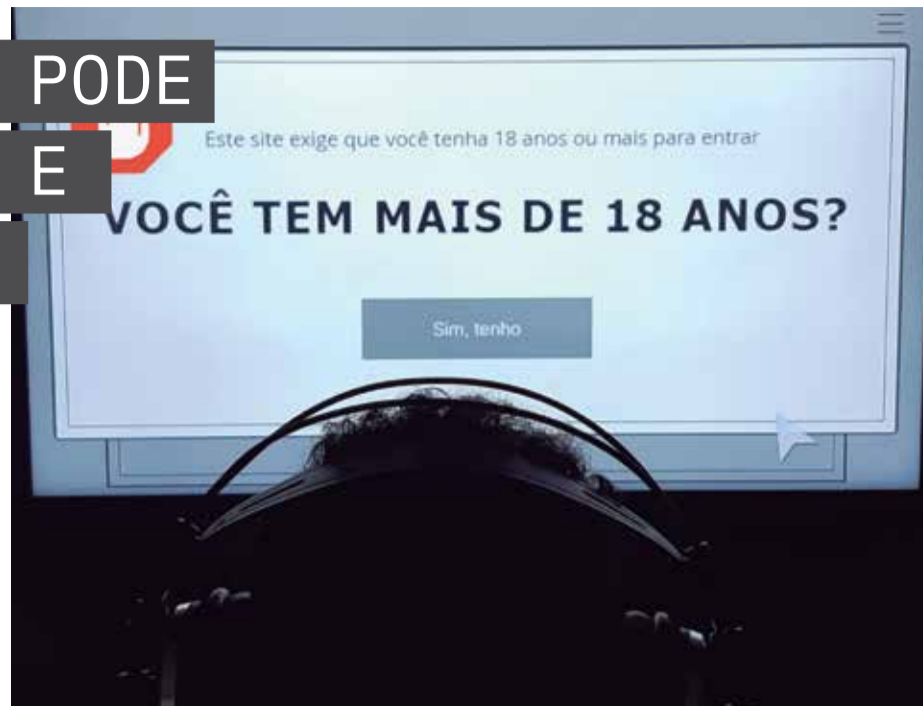
PORNOGRAFIA PODE VIRAR VÍCIO E DESENVOLVER PROBLEMAS SEXUAIS

Consumo excessivo de conteúdo adulto é um hábito nada saudável que pode prejudicar danos psicológicos

LARISSA FERNANDES

“Eu assistia bastante, achava que a vida era como se fosse um pornô, com os enredos e aquela facilidade. Lembro que até chegava a doer, e isso não é normal, é muito louco porque você se perde muito rápido”, conta o jovem Carlos (nome fictício a pedido do entrevistado), de 24 anos.

Carlos relatou que teve problemas com isso durante duas fases de sua vida: na pré-puberdade e quando terminou um relacionamento recentemente. “Na puberdade, eu era muito tímido e retraído, acabava descontando tudo isso em pornografia”. Assim como ele, a idade em que uma criança ou pré-adolescente começa a assistir pornografia, segundo um estudo realizado em 2019 pelo WeStandGuard, programa de treinamento que evita a



exploração e o abuso sexual infantil, é 13 anos, sendo a maioria meninos.

O jovem também descreve a sensação de prazer e culpa que sentiu nesse período difícil. “A gente vive em uma sociedade católica e cristã, em que sexo e culpa é a mesma coisa, temos sempre que nos reprimir sozinhos, entre quatro paredes, é muito bom no momento do prazer mas depois da ejaculação, você vai para o lixo”, e compara o vício em conteúdos adultos com a da heroína e a da cocaína.

No caso de Roberto, (nome fictício), o contato com o pornô começou mais cedo, aos 9 anos, quando seus amigos levaram um DVD para assistir em sua casa. Hoje, aos 22, ele ainda não iniciou sua vida sexual e teme que a indústria pornográfica pode ter mudado sua percepção sobre o

sexo. “Eu paro, me distraio, vejo televisão e jogo, mas os gatilhos das redes sociais influenciam, como por exemplo, quando aparece uma mulher de biquíni. Tenho medo de me relacionar e dar tudo errado, o homem passa a olhar para a mulher como se fosse um objeto, estudo isso entra na mente.”

Fernanda (nome fictício a pedido da entrevistada), de 19 anos, relembra que já trabalhou como camgirl e começou a consumir pornografia ainda na infância, o que influenciou muito em sua insegurança com o próprio corpo.

“Ter esse conteúdo normalizado e romantizado facilitou muito para que eu aceitasse a proposta de ser camgirl. Quando passei a streamar, voltei a consumir pornô e fui desenvolvendo

nojo de homem. Os elogios que eu recebia eram relacionados ao fato de eu ter uma aparência mais jovem, não raramente algum pedófilo aparecia fazendo algum pedido asqueroso”.

A jovem que desistiu de trabalhar nessa plataforma de prostituição virtual, leu muitos relatos sobre os efeitos nocivos que a pornografia causa e compreendeu como tudo isso afetou sua visão sobre ela mesma.

Segundo a psicóloga Amanda Veronez, o que acontece é uma liberação muito rápida de dopamina no cérebro. “O consumidor de pornografia sempre vai precisar de estímulos mais intensos para conseguir se excitar e chegar ao orgasmo, por isso vai se tornando de fato um vício. De danos fisiológicos e a longo prazo existe a dificuldade de manter uma ereção, relações sexuais mais duradouras e até de conseguir ter prazer sexual”.

“Esse consumo acaba saindo do padrão de ser uma coisa para relaxar e ter um prazer sozinho para se tornar um aspecto de condição, como se a pessoa só conseguisse ter prazer a partir daquilo. Acabando gerando vários fetiches, como por exemplo: só conseguir chegar ao orgasmo se ver uma mulher apanhando e assim, o prazer fica muito reduzido”, explica.

Amanda também ressalta a dificuldade que existe dos homens em lidarem com as mulheres na vida real “Eu vejo a pornografia como um problema muito mais extenso, ela é completamente intoxicada de padrões sexistas, machistas e misóginos, que acabam propagando a naturalização da violência contra mulher”.

PANDEMIA AFASTA CALOUROS DAS EXPERIÊNCIAS DA VIDA UNIVERSITÁRIA

Novos estudantes do ensino superior sentem falta de integração, festas e “cenas que viram nos filmes”

BRUNO CESAR

Filmes e séries famosas mostram uma realidade universitária fantástica que tem festas, romances e muita bagunça. Logo, acabam criando muita expectativa na mente dos jovens universitários que estão ingressando nesse universo. Mas, agora na pandemia, em que não está acontecendo o que é mostrado nos filmes, isso acaba quebrando a expectativa do jovem universitário e ele acaba ficando desanimado com a situação.

O jovem que ingressa na universidade passa por um preparo pré-vestibular para conseguir entrar no meio universitário e nessa fase o jovem também acaba criando expectativa pela ansiedade em entrar na faculdade. Beatriz Carneiro, estudante de Terapia Ocupacional na USP diz que “no meu período de curso pré-vestibular, sempre foi muito alimentada pelos professores a ideia de que o universo acadêmico é um lugar totalmente novo, na qual iríamos conhecer pessoas novas, estudar o que gostamos, vivenciar novos ambientes e afins. Saber que nossa entrada para esse mundo foi parcialmente barrada é muito frustrante, é algo que eu penso que os atuais gra-

duandos nunca vão esquecer, mas aceitar, pois não tem outra opção”.

Os universitários sentem a falta das aulas presenciais e das festas, porém alguns deles tiveram a oportunidade de sentir um pouco do gostinho da vida acadêmica retratada nos filmes. Esse não é o caso de quem entrou na universidade já na pandemia, a jovem Isabela Galeti entrou na universidade em 2021 no curso de Nutrição na UFTM. A estudante falou um pouco sobre como é esse sentimento “O meu sentimento, bem como o da maioria dos jovens que também entraram na faculdade durante a pandemia, é de decepção, pois no primeiro ano as festas e integrações são importantes para o calouro fazer amigos e criar laços que irão nos acompanhar durante anos, porém esse processo se torna mais difícil à distância”.

A psicóloga Fernanda Saviani Zeoti, comenta sobre essa situação. “A Integração presencial é muito importante. Não somente em festas e gincanas, mas a interação com os professores e com os colegas diariamente auxilia na ambientação e na mudança de perspectiva do ensino básico para o superior. O espaço universitário propicia trocas de informações e vivências que só são possíveis presencialmente”.

Esse vazio gerado pela falta de interação universitária pode trazer malefícios para o estudante, dentre os impactos negativos da não integração do calouro



estão desde processos ansiosos, sensação de não pertencimento e até prejuízos acadêmicos, por não entender o ritmo e as questões próprias da universidade, é o que diz a doutora Fernanda.

Alguns universitários optaram por trancar o curso ou simplesmente não pegar matérias no semestre (em faculdades que existe essa opção). O jovem Yuri Medeiros, estudante de Física na UFSCAR, relata sobre sua decisão de não atribuir matérias no semestre. “Eu pensei em trancar a faculdade pois estava EAD e eu não estava realmente aproveitando o meu ingresso na faculdade. Logo com isso outros pensamentos e outras prioridades começaram a surgir como trabalho e afins. Eu não cheguei a trancar, eu simplesmente não peguei nenhuma matéria no semestre, que é algo que

minha faculdade permite, acho bem difícil a adaptação para o EAD ainda mais para os calouros que nunca tiveram um parâmetro de ensino superior”.

A psicóloga Fernanda diz que “a quebra de expectativa não se dá somente por não haver festas, mas principalmente por não viver o dia a dia da universidade. As festas trazem o sentimento de liberdade e o pertencimento ao grupo, é verdade, e isso é fundamental. Não ter essa realidade, dificulta o estabelecimento de relação entre as pessoas e esse é o maior prejuízo do afastamento social em qualquer situação.” A vida universitária não é a mesma de antes e não tem um prazo para voltar ao que era, logo precisamos nos reinventar para tentar preencher a medida do possível o vazio que foi deixado.



“SEXO POR R\$ 50”, “PRETA HORRÍVEL”, “PODRE”

Garotas de programa relatam episódios de racismo também no mundo da prostituição

KARLA RODRIGUES

“Mais uma ligação de trabalho”, pensou Ester. A garota de programa negra atendeu o celular e iniciou o atendimento. Do outro lado da linha, o cliente questionava como era o serviço: pagamento, local, posições. Mas, ao receber não para o sexo sem camisinha, a entonação da voz mudou. “Ele começou a me xingar, falar que eu era feia, que minha b**** era podre e que eu era uma preta horrível”, relata.

A situação a deixou com raiva e ao mesmo tempo inconformada com os xingamentos por algo tão pequeno. Durante a profissão, essa não foi a única vez que ocorreu algo parecido por telefone. “Quando eles resolvem me xingar porque eu não quero fazer algo e usam a minha cor como ofensa me abala”. Mas, para invalidar os comentários, Ester prefere pensar que se a pessoa não gostasse da aparência ou cor dela não teria ligado.

Reduzir a mulher negra a objeto para realizar os desejos dos homens advém dos ideários da escravidão. “A mulher negra sempre vai estar no papel de amante, de carne, de corpo a ser usado como objeto que foi construído através de toda violência física e sexual que sofriram dos senhores de engenho”, explica a pesquisadora Luiza Gonçalves Lima.

De acordo com a pesquisadora, um dos maiores problemas da sociedade brasileira é acreditar que por conta da



miscigenação não há preconceito racial no Brasil. O racismo é compreendido apenas como discriminação ou preconceito racial, assim como no caso de Ester, porém muitas vezes é estrutural, ou seja, invisível para a sociedade.

Na casa noturna lotada, Cacau era a única garota de programa negra. Curiosos, alguns homens iam até ela por que nunca haviam tido relação sexual com uma mulher preta. Apesar das investidas, eles não estavam dispostos a pagar o mesmo valor das brancas. “O pessoal pagava R\$300,00 para uma loira, mas quando chegava em mim eles queriam pagar R\$50,00”, relata Cacau.

O mercado de luxo, em que Cacau faz parte, é dominado por brancas. No site de acompanhante Fatal Model, por exemplo, há apenas dez mulheres negras com anúncio ativo em Ribeirão Preto, as demais têm pele clara. E, em média, as mulheres brancas e loiras recebem R\$301,66 enquanto as negras recebem R\$184,50 pela mesma hora de trabalho.

Segundo Luiza, como a sociedade brasileira cresceu com base no racismo estrutural isso contribui para que as

mulheres negras sejam desvalorizadas. “Sempre ficamos dois passos atrás de uma pessoa branca. Precisamos provar para uma sociedade racista que temos capacidade para fazer determinada coisa. Há uma cobrança muito grande do corpo negro no geral”.

Na prostituição, não é diferente. Cacau tem preocupação em demonstrar qualidade no trabalho para garantir bons clientes. “Você tem que estar com o melhor material, enquanto outras meninas tiram fotos caseiras. Pra mim consegui o mesmo valor de lazeu tenho que demonstrar uma qualidade de trabalho, investir mais para ter o mesmo resultado”, diz.

Já Camila relata que durante toda sua vida teve que ser perfeita, no antigo trabalho era levada à exaustão. “Sempre era cobrado de mim a excelência, a perfeição, eu não podia ter um cílios fora do lugar, até as minhas redes sociais eram controladas para que realmente fosse que a marca queria... até a minha postura, tudo era controlado”, relembra.

Após o nascimento do primeiro filho, foi demitida da empresa, mas encontrou outra oportunidade em uma loja de artigos de luxo com 47 filiais pelo Brasil. Ela era gerente e além dela haviam somente três funcionários negros em todas as filiais. “Recebia olhar torto de cliente, tive muitos problemas com as garotas que eu trabalhei e que não me aceitavam como gerente, achavam que eu não tinha mérito para estar ali”, afirma.

A fim de conquistar a própria independência e aproveitar o crescimento do filho, na época com quatro anos, decidiu deixar o emprego. “Eu fiquei esgotada de ser excepcional de todas as maneiras. Fiquei com uma crise de estresse muito grande... eu entrava no shopping e já passava mal”. Movida pelo sonho de se libertar da cobrança, Camila criou o próprio negócio: uma clínica de estética.

A clínica recém inaugurada não garantia lucro suficiente para manter a renda da família. Em uma conversa com uma cliente desabafou sobre a dificuldade financeira e através dessa pessoa descobriu na prostituição uma maneira garantir o padrão de vida desejado. Após o convite conheceu

algumas garotas de programa. “Às vezes, o dinheiro que eu levava uma semana para fazer elas ganhavam em um dia”.

Camila está na profissão há dois anos e, assim como nos outros empregos, percebe a discriminação cotidianamente. Quando iniciou os programas, procurou boates de luxo para atender os clientes, mas sempre escutava ‘você não tem o perfil da casa’. Depois de muitos não, foi aceita no local que atende até hoje. “Eles me aceitaram depois de algum tempo porque estavam com menos garotas do que o normal”, afirma. Apesar de estar na casa há bastante tempo, ela sente a diferença de tratamento em relação às demais garotas, todas brancas. “A administração da casa nem deixava muito escondido. Eu não tenho indicações, as outras garotas têm, os anúncios delas são pagos e os meus não”, relata.

Um dia, no final do expediente, um frequentador da casa que sempre faz o programa mais caro foi até o local. Camila era a única no salão, ele perguntou se não teria outra garota para atendê-lo. “Disponível agora só tem eu, você quer fazer comigo? Eu te atendo”, disse ela. Os dois foram para a sala reservada, mas ao chegar lá ele desistiu do programa e preferiu fazer a massagem mais barata.

“Eu me senti muito mal, muito triste, desvalorizada e injustiçada”. Apesar da situação, decidiu fazer uma massagem inesquecível. “Ele ficou elogiando, eu falei ‘é, cada um tem o tratamento que merece, eu trato muito bem os meus clientes desde que eles pagam e me valorizam porque eu sou uma ótima profissional’, mas é lógico que agora que estava fazendo massagem nas costas dele eu tive vontade de chorar”.

Para Cacau, o racismo é muito difícil. “É doloroso pra quem passa, é difícil carregar essa cor de pele, é difícil trabalhar com essa cor de pele. Você tem que estar provando 24 horas que você é boa, mesmo tendo curso superior, mesmo tendo formação, mesmo tendo QI mais elevado do que outras meninas, tem que provar que é melhor em tudo”, desabafa.



A mulher negra sempre vai estar no papel de amante, de carne, de corpo a ser usado como objeto



ENDIVIDADOS RECORREM A NOVOS EMPRÉSTIMOS PARA PAGAR CONTAS NA PANDEMIA

Segundo economista, manobra pode valer a pena se taxa de juros de novo financiamento for menor

LÍVIA MACARIO

Com a chegada da pandemia, a necessidade de quitar as dívidas e sair do vermelho passou a ser a 'pedra no sapato' de muitos brasileiros. Para deixar a preocupação de lado e se livrar dos boletos atrasados, uma das ferramentas utilizadas foi recorrer ao empréstimo bancário.

Aposentado, Álvaro Siqueira foi uma das pessoas que viu no empréstimo uma boa solução para seu problema financeiro. Ele havia percebido que os juros do seu cartão de crédito e os juros do seu limite do cheque especial estavam muito altos. Assim, viu que o crédito consignado era mais atrativo por oferecer juros bem mais baixos.

Ele conta que ao fazer o pedido de empréstimo no banco, foi recebido com muita atenção e antes mesmo de

fechar qualquer contrato, negociava "pedindo taxas menores". Álvaro acredita que é muito importante fazer a conta dos juros até o final do contrato, por se tratar de muitos meses. "No final, paga-se muito", diz.

Para o aposentado, duas características do banco foram muito importantes antes dele fechar pedido de empréstimo. A maior delas foi o bom atendimento. A outra consistiu na eficácia da resposta do funcionário.

Eliezer Diniz, doutor em economia, conta que o empréstimo como melhor solução para quitar as dívidas é relativo, mesmo durante a pandemia. "Com-

penso fazer empréstimo se tiver um juro menor", explica. Por a pandemia ser um momento que deixou muitas pessoas endividadas, elas acabaram procurando resolver o problema da melhor forma. "Se elas conseguem resolver trocando uma dívida de juros altos por uma dívida de juros baixos, aí compensa. É uma solução imediatista para um momento de emergência, enquanto se arruma uma solução mais de média a longo prazo", diz Eliezer.

O empresário Aldo Silva também conta que teve de fazer o pedido de empréstimo, dessa vez para pagar contas atrasadas. "Fazendo as contas e somando os juros que eu estava já pa-

gando com várias dívidas, tinha uma diferença de 15% de juros e o banco estava me cobrando 2,5% ao mês".

Para ele, esta foi a escolha certa, pois a empresa não estava faturando o valor exato para sanar as dívidas. Dessa forma, acabou aceitando pagar os 2,5% de juros ao mês, por ser um valor que este conseguiria pagar em dia, como também se livrar das cobranças com juros altíssimos.

Eliezer diz que há controvérsias quando se quer fazer um empréstimo para quitar as dívidas. Enquanto a pessoa paga uma conta de juros altos, por meio de uma outra conta com juros baixos, ela acaba tomando a melhor decisão. Porém, o problema não está definitivamente resolvido, pois o que antes era imediato acaba se tornando algo "a longo prazo".



PANDEMIA TURBINA VENDA DE CONTEÚDOS ADULTOS COMO OPÇÃO DE RENDA

Em tempos de Covid, até casais estão negociando fotos e vídeos pornográficos para ganhar uma graninha extra

MIGUEL MATHIAS DOS REIS

"Só quero parar quando estiver rica", afirma Bianca da Silva, de 18 anos, estudante de biologia e produtora de conteúdo erótico no Instagram.

Apresentada por um amigo ao comércio de fotos e vídeos pornográficos, Bianca criou em fevereiro de 2021 o seu perfil no Instagram: @ruivinha.x10.

Os preços dos pacotes variam, o mais barato custa R\$ 25,00 e é composto por 10 fotos+2 GIFs. Já o mais caro custa R\$ 80,00 e tem conteúdo personalizado.

No primeiro mês de vendas, Bianca faturou R\$ 600,00, no segundo R\$ 1.200,00 e na primeira quinzena de



maio, R\$ 1.810,00. Ela recebe os pagamentos por meio do Pix, boleto e PicPay.

O objetivo da estudante é conquistar sua independência financeira e alugar uma casa, pois atualmente ela mora com os pais e os mesmos não sabem da prática da filha. Sua maior motivação é o dinheiro: "A cada Pix fico mais feliz e motivada", segundo Bianca.

MERCADO

O casal que prefere ser identificado como Sra. Fraiser e Sr. Fraiser, ambos contadores, criaram em fevereiro de 2020 o canal Ruiva Fraiser no site Pornhub e através dos seus vídeos aumentaram a renda mensal.

O rendimento dos conteúdos é obtido através das visualizações e cur-

tidas em suas produções, além das inscrições no canal Ruiva Fraiser e o pagamento é em dólar depositado na conta bancária deles. A cada 1000 visualizações o casal recebe US\$ 0,64, seu ganho mensal em média é de R\$ 1.000 reais, dinheiro que tem sido uma renda extra.

Apesar de ainda existir um tabu em relação ao mercado pornográfico, o casal não se intimida: "Contamos apenas para algumas pessoas, não ligamos muito para o que os familiares pensam", diz a Sra. Fraiser.

Sra. Fraiser afirma que eles não possuem custos com as produções, o dinheiro arrecadado é revertido em investimento para manutenção da saúde do corpo do casal.

Atualmente, o Onlyfans é a maior plataforma de assinatura online, teve um crescimento de 553% que antes lucrava R\$ 42.000,00 e passou a lucrar R\$ 371.000,00, além de receber mais de 100.000 usuários em 2020.

Para eles, a comunicação é a chave para uma boa relação e impede que os ciúmes não interfira nos negócios. "Existem ciúmes, mas é uma questão de sempre conversar, a comunicação é o segredo", afirma a Sra. Fraiser.

PANDEMIA

A economista Leny Fatima Salles Paschoal de 59 anos, explica que em razão da pandemia, muitas pessoas procuraram entretenimento nas mídias sociais. "No início, a participação de youtubers, artistas nesse meio de comunicação era fraca, foi crescendo aos poucos e 'estourou' com a pandemia", afirma ela.

Quando o CPF se torna um CNPJ, como exemplo os influencers, as marcas pagam para eles divulgarem os produtos e acaba sendo uma forma mais barata de atingir milhões de pessoas; diretamente o público alvo e jovens consumidores.

Para a economista a tendência é que esse meio de negócio venha a aumentar: "surgirão novas plataformas, afinal a concorrência é saudável para economia e mostra que tem mercado para todos; sem contar que acaba surgindo 'uma nova profissão', acrescenta a especialista.



FECHAMENTO DE COMÉRCIOS CRIA "REGIÕES FANTASMAS" EM RIBEIRÃO

Centro e bairros da Zona Sul perdem atividades comerciais e experimentam o vazio durante a pandemia

JOÃO PALA

O momento é de incertezas para a economia de Ribeirão. Mesmo com os pesares causados pela pandemia, como lockdown, demissões e endividamentos, o comércio tenta sobreviver. Entretanto, o fechamento de empresas durante a crise do coronavírus causou um fenômeno curioso em áreas tradicionais de Ribeirão Preto, como o Centro e a Zona Sul. Onde antes havia intensa atividade comercial e de serviços, muitos espaços agora estão vazios, com placas de 'aluga-se' - verdadeiras regiões 'fantasmas'. Em um trecho de 800 metros da rua João Penteado, no Boulevard (Jardim Sumaré), é possível contar ao menos 43 placas de 'aluga-se'. São pelo menos 18 prédios ou salas comerciais desocupadas no perímetro.

Quatro desses prédios ficam em frente ao DeGust Restaurante, na esquina da João Penteado com a rua Marechal Deodoro. Segundo o gerente do estabelecimento, a insegurança aumentou e o movimento caiu com os recentes fechamentos. "Isso impacta em tudo, inclusive nas vendas. O bairro está mais perigoso, com mais roubos e andarilhos. Não temos parceiros, não temos ninguém com quem contar", diz Adriana Corrêa. "Os comerciantes estão com dificuldades. Não conseguimos repassar os aumentos nos preços para os clientes. Não sei nem te falar o caos que isso [pandemia] está nos causando".

A situação não poderia ser mais preocupante para as empresas de Ribeirão durante a pandemia: com a queda no movimento e duração prolongada das restrições do Plano São Paulo, muitos negócios 'pediram as contas'. De março de 2020 a abril de 2021, 2.724 estabelecimentos deram baixa em Ribeirão, segundo dados organizados pela Junta Comercial do Estado de São Paulo (Jucesp). Somente nos primeiros quatro meses deste ano, 802 empresas foram fechadas definitivamente na cidade (29,4% dos encerramentos na pandemia).

Ainda no Jardim Sumaré, conjuntos comerciais nas ruas Barão do Amazonas, Comandante Marcondes Salgado e Eliseu Guilherme perderam o brilho por conta do encerramento de comércios. Assim acontece em corredores como a avenida Independência, com restaurantes e lojas fechadas. Já em um trecho de um quilômetro da avenida Presidente Vargas, também na Zona Sul de Ribeirão, a reportagem contou cerca de 21 placas de 'aluga-se' e 13 prédios ou conjuntos comerciais vazios.

SOBRAM DÍVIDAS...

De acordo com a Jucesp, em 2020, 40,6% das empresas que fecharam as portas em Ribeirão estavam atreladas ao comércio. Empresas com atividades administrativas, como escritórios (9,7% dos fechamentos) e empresas de hospedagem e alimentação, como hotéis, bares e restaurantes (8,6% dos encerramentos) também foram afetadas no ano passado.

No Centro, o Américo's Bar, localizado na rua Américo Brasiliense, fechou as portas temporariamente em março, durante a Fase Emergencial, já que o consumo no local não estava permitido. Com o anúncio da etapa mais severa do Plano São Paulo, cinco funcionários foram dispensados. "Tivemos que fechar as portas, como todos os outros. A diferença é que, a cada dia que a empresa passa fechada, é um passo para a falência e morte do CNPJ", lamenta Anderson de Oliveira, gerente do bar.

Em meio às medidas severas, o bar funcionou com delivery, o que ajudou a pagar contas. Entretanto, mesmo com a 'calmaria' da fase de transição e a volta do consumo no local, ainda não foi possível retomar a normalidade do estabelecimento. "Não vendemos apenas comida e bebida, mas sim experiências. Estamos negociando nossas dívidas e arcando com folha de pagamentos e gastos físicos. Investimentos não conseguimos fazer, mas dá pra honrar os compromissos", afirma Oliveira.

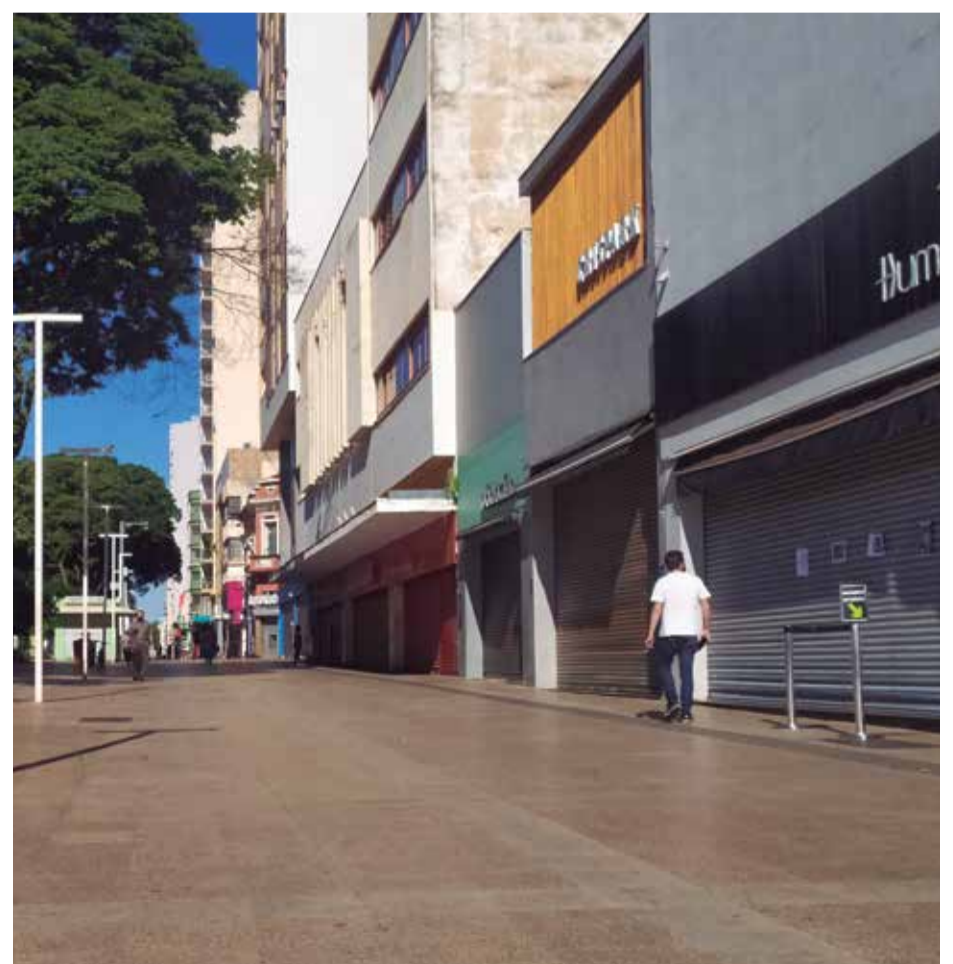
... FALTAM INCENTIVOS

Para Renan Rocha, economista e assessor de relações institucionais da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (Acirp), o clima de incertezas no cenário da pandemia pesa contra os planejamentos dos empresários. "Os negócios são feitos para ter receitas constantemente, e não em períodos específicos. Essa falta de possibilidade de planejamento prejudica o horizonte do empresário de entender como serão os próximos meses", relata.

Os números de emprego na cidade, por um lado, são positivos: de janeiro a abril de 2021, segundo dados do Caged, Ribeirão Preto está com saldo de 3.935 postos de trabalho. O setor que mais contratou foi o de serviços, com 1.972 empregos criados, mas os dados podem não representar a realidade

da crise, segundo Renan. "Quando gente analisa o todo, a cidade está gerando empregos, mas não é uma recuperação homogênea. Há empresas que estão conseguindo se destacar e outras que estão indo muito mal. Aqueles que são ligados a serviços essenciais e materiais básicos conseguem evoluir e acabam se sobrepondo aos mais prejudicados."

Segundo a Acirp, alguns incentivos estipulados pelos governos estadual e federal são necessários para que muitos negócios continuem, mas faltam políticas públicas específicas para comércio e serviços. Já não há previsão para a retomada da economia de Ribeirão ainda em 2021; tudo dependerá dos melhores indicadores da COVID-19 e do avanço da vacinação, de acordo com Rocha. "O olhar para a manutenção desses negócios passa por uma análise dos setores mais afetados", conclui.



PANDEMIA FAZ EMPREENDEDORISMO FEMININO CRESCER 40% EM UM ANO

Mulheres mergulham em negócios próprios para driblar crise do emprego provocada pela Covid

JULIANA RODRIGUES

Em meio à pandemia da Covid-19, o número de mulheres no empreendedorismo cresceu no Brasil em 2020. Segundo o Rede Mulher Empreendedora, houve um aumento de 40% de empreendedoras no ano passado.

A estudante Aléxia Kovaleski, de Ribeirão Preto, diz que o motivo que a fez empreender em 2020 foi a necessidade de pagar a universidade.

“Era minha mãe quem pagava minha faculdade, mas no meio do ano passado ela perdeu o emprego e eu não tinha como continuar a pagar meus estudos, então tive que pensar formas para conseguir dinheiro e continuar estudando”.

Aléxia considerou que investir na venda de cupcakes pela internet foi uma maneira acessível e protegida para conseguir continuar com o estudo.

“Como estávamos nomeio da pandemia, não era viável um emprego presencial e a única solução foi pensar em algo



que poderia fazer em casa e de maneira segura”.

A professora de administração Mitie Maemura afirma que a razão do aumento do empreendedorismo feminino no Brasil durante a pandemia é por causa da crise financeira dos últimos anos.

“O crescimento se tratou de uma tendência já existente, acelerada pela pandemia. Essa situação ocorre por efeitos de uma crise econômica, e que chegou ao seu ápice em 2020, o que levou muitas mulheres a buscarem outra fonte de renda”.

Há mais de 70 km de Ribeirão Preto, na cidade de Santa Rosa de Viterbo, Laís Cristine Dias Chioda afirma que se tornou empreendedora para realizar o sonho de ter o próprio negócio.

“Sempre sonhei em ter algo próprio, achava que era um emprego que podia conquistasse com minha vontade, algo que eu poderia crescer por mim mesma”.

Ambas, Aléxia e Laís afirmaram que as principais dificuldades na profissão são as ausências de conhecimentos administrativos, financeiros e marketing para gerenciar o negócio e a sobrecarga do serviço.

“Ninguém fala sobre tudo o que envolve o empreendedorismo. Eu me vi sobrecarregada de coisas que não imaginaria estar fazendo, realmente só queria cozinhar e conseguir pagar meus estudos”, desabafo Aléxia.

O empreendedorismo feminino foi muito prejudicado pela maior crise sa-

nitária global. De acordo com o Índice Mastercard de Mulheres Empreendedoras (MIWE), apontou que 87% das mulheres no mundo afirmaram que foram impactadas negativamente no negócio pela pandemia.

A professora Mitie afirma que as empreendedoras podem diminuir as dificuldades desta profissão fazendo cursos da área. Além disso, ela diz que é importante que as autoridades criem políticas públicas para auxiliar o setor.

“Elaborar uma estruturação de políticas públicas de empreendedorismo feminino é crucial para que o país possa sair da crise financeira”.

PIX SIMPLIFICA VIDA, MAS CAUSA DESCONFIANÇA EM USUÁRIOS

Mesmo aderindo ao programa do governo, população teme vazamento de dados e cobranças futuras

GABRIEL IDALGO

A plataforma do PIX veio para tornar as transações financeiras mais rápidas e práticas através do seu funcionamento de 24 horas por dia e pela sua instantaneidade. Usada por cerca de 40% da população brasileira, a plataforma ainda gera dúvidas e acaba criando um certo tipo de receio, principalmente em relação a cobranças indevidas.

“O meu único medo é se o PIX vem com uma nova CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). Temos de esperar pelos próximos capítulos para tentarmos entender se essa funcionalidade, que trouxe tanta praticidade, vai continuar sendo de graça”, diz o economista Henrique Machado.

Além disso, a fácil exposição de dados dos usuários ainda assusta parte da população. A plataforma utiliza dados, como CPF, celular e CNPJ e esses da-



dos podem facilmente ser roubados caso caiam nas redes de pessoas maliciosas.

Já foram registrados diversos casos de golpes e fraudes em todo Brasil e isso criou medo tanto para a pessoa que não se cadastrou quanto para quem já está dentro do aplicativo.

Esse é o caso de Pedro Faria, corretor imobiliário em Ribeirão Preto, que acabou tendo seu WhatsApp clonado por meio de um golpe no aplicativo da OLX.

No começo, Pedro teve receio de se cadastrar no PIX por já ter caído em ações criminosas na internet, mas hoje, já usa a plataforma normalmente.

Existem diversos tipos de fraudes e golpes dentro do PIX como, E-mails e páginas maliciosas na internet; QR Code falso; Cadastro indevido de chaves; Invasão de dispositivos; Transferência em dobro e dentre muitas outras. Então, é de grande importância a própria platafor-

ma oferecer um sistema de suporte ao usuário além de manter o usuário sempre alerta para esse tipo de situação.

“No começo, tive receio de me cadastrar, eu achava o PIX muito perfeito para ser de graça. Acredito que meus dados estão muito expostos nessa rede e ainda acho que qualquer pessoa que entenda mais a fundo sobre as questões de informática, consegue facilmente ter acesso aos meus dados”, afirmou a professora Gabriela Lauretti.

Apesar do receio, a facilidade e praticidade da plataforma acabam tornando muito difícil a ideia de ficar de fora e mesmo aqueles que temem, acabam ficando sem opções.

“Hoje uso a plataforma normalmente pelo fato de ser mais rápida e prática, porém ainda não perdi medo, evito até mesmo entrar no banco pelo computador. Passo meus dados somente para pessoas conhecidas e de confiança e verifico minha conta todos os dias para ter certeza de que está tudo bem”, completou Gabriela.

São mais de 81 milhões de usuários cadastrados na plataforma, e não à toa, vem tirando de cena alguns bancos junto da disrupção financeira que as fintechs (financial technology) estão trazendo, sobretudo no Brasil.

“O PIX já ultrapassou mais de um trilhão de reais movimentado em um período de seis meses. Isso se dá por conta da rápida adaptação, pois ele é aceito desde transações entre amigos até aplicativos de compras online, como o iFood por exemplo. São essas coisas que movem a economia brasileira e estão muito presentes no dia a dia”, afirmou o economista.



COM "AGRICULTURA 4.0", RIBEIRÃO VIRA POLO DE INOVAÇÃO NO CAMPO

Agronegócio supera resistência de produtores mais tradicionais e investe pesado em tecnologias para aumento e melhora das safras

ENRICO MOLINA

A região de Ribeirão Preto, tradicionalmente ligada ao agronegócio, é também um polo de inovações e berço de iniciativas tecnológicas voltadas para otimização da produção rural, como a AltaMap, empresa especializada no mapeamento aéreo com drones para formulação de relatórios agrônômicos de precisão, e a EasyFarm, uma plataforma virtual de gestão e administração de operações agrícolas.

As iniciativas da chamada "Agricultura 4.0" estão listadas no levantamento do Supera Parque de Inovação e Tecnologia de Ribeirão Preto, no relatório "Ecosistema de Inovação na Região Metropolitana de Ribeirão Preto".

No estudo, estão destacadas 230 startups de 11 categorias diferentes, distribuídas em cinco municípios. O setor do Agronegócio é o quarto colocado, com 22 iniciativas de tecnologia na região, que buscam aumentar a produtividade no campo, otimizar investimentos e reduzir os custos operacionais.

AGTECHS

A AltaMap é um AgTech, empresa de base tecnológica voltada ao agronegócio, fundada em 2020 em Ribeirão, pelo geógrafo David Barral Santos e pelo diretor de marketing, Gustavo Martins.

"A AltaMap surgiu da minha experiência com drones, que utilizo desde 2016



como ferramentas de mapeamento. Em 2019, eu e o Gustavo Martins, que é o responsável pela Marketing, resolvemos juntar forças pra criar um projeto focado na utilização de drones para a agricultura de precisão." explica David, cofundador da AltaMap.

"Essa tecnologia tem um potencial muito grande e tende a se popularizar para os demais, pequenos e médios produtores também. Com a utilização de drones e a análise do time de agrônomos a partir dos mapas, conseguimos propor ações que otimizam a produção e que podem reduzir os custos da aplicação dos fertilizantes, por exemplo, diminuindo a quantidade de insumos químicos", completa o especialista em mapeamento aéreo.

Ainda de acordo com o geógrafo, a utilização de novas tecnologias e ferramentas digitais está em franca expansão, uma vez que elas se mostram eficazes para o aumento da produtividade e lucratividade no campo, apesar da resistência de alguns produtores mais tradicionais.



"A maior dificuldade pro setor do Agronegócio é a adoção de novas ferramentas e tecnologias é uma questão de geração. As propriedades, de senhores de mais idade, têm um pouco mais de resistência em aceitar novas tecnologias. O homem do campo, de forma geral, precisa ser conservador, pois lida com intempéries e dificuldades climáticas, que estão fora do seu controle, como geadas, secas, que podem impactar na produção".

Outra iniciativa, listada pelo Supera Parque, é a EasyFarm, um software de gestão e administração agrícola que possui mais de 700 fazendas cadastradas, de 15 estados da federação. A plataforma funciona por meio de um aplicativo, onde são inseridos os dados operacionais da propriedade, gerando relatórios que permitem a rastreabilidade de operações em todas as etapas da produção agrícola.

“Essa tecnologia tem um potencial muito grande e tende a se popularizar para os demais, pequenos e médios produtores também”.

JORNALISMO UNAERP

MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

- ✓ Conceito 4 no CPC/ENADE MEC 2018
- ✓ 10º curso do Brasil entre 290 avaliados no CPC /Enade MEC 2018
- ✓ 3º melhor curso particular do Estado de São Paulo CPC/Enade MEC 2018



Acesse o portal jornalismounaerp.com.br



PLATAFORMAS DE STREAMINGS SE DÃO BEM NA PANDEMIA

Número de assinaturas aumentou significativamente no último ano e promete continuar crescendo

ISABELLA MENGELLE

A pandemia do coronavírus fez com que as pessoas precisassem mudar seus hábitos de lazer. Com as medidas de isolamento e as campanhas de #FiqueEmCasa que marcaram o ano de 2020, muita gente recorreu à televisão para se distrair. Programas como o Big Brother Brasil, que vai ao ar na TV Globo, viram seus índices de audiência aumentarem consideravelmente com a chegada do vírus no Brasil.

Mas foi no mercado de streamings que os números realmente explodiram. A Netflix, líder do segmento,

viu seu número de usuários aumentar 20% apenas no mês de março do ano passado, quando as medidas de distanciamento social começaram a vigorar no país.

Marina Martins, advogada e residente em Ribeirão Preto, já era assinante do serviço, mas conta que precisou adquirir assinaturas de outros streamings para passar o tempo em casa. “O tempo livre durante a pandemia aumentou muito, e como não podia sair, acabamos enjoando do catálogo. Acabamos assinando o Prime Video e a Globoplay, principalmente por causa do BBB, que minha família inteira acompanha”, conta. Marina mora com

a mãe, o padrasto e a irmã mais nova, que tem 9 anos.

Abuscar por mais conteúdo também foi o principal motivo pelo qual Laís Vicari, farmacêutica bioquímica, assinou o Prime Video e a Disney+ no último ano. “Como estou ficando muito em casa, acabei optando por ter mais desses serviços. Além disso, várias séries e filmes que eu gosto estão na Amazon e Disney+, o que se torna mais um atrativo”, explica.

Entre os principais conteúdos consumidos por elas, as séries e filmes com pegada mais jovem de pretensões se destacam, e gêneros como comédia, dramas e enredos de adolescentes foram os mais assistidos. Para Laís, a assinatura da Disney

compensou bastante. “Algumas séries que comecei a assistir despretensiosamente e gostei muito foram ‘The Crown’, ‘Please Like Me’ e ‘High School Musical: The Musical The Series’. Uma série que eu estava com altas expectativas e todas elas foram atendidas foi Wanda Vision”, diz. Já Marina se rendeu ao mundo dos reality shows e acompanhou o Big Brother Brasil assiduamente pelo serviço da Globoplay. Pertencente ao Grupo Globo, o streaming teve um crescimento de 80% em 2020 e faturou 112% a mais do que em 2019. A assinatura do Prime Video também ajudou nessa nova forma de se divertir. “Pelo streaming da Amazon eu acompanho o programa ‘De Férias Como Ex’, da MTV. É um conteúdo considerado fútil pela maioria das pessoas, mas me ajuda muito a descansar o cérebro. É bom para passar o tempo sem perceber ele passando”, explica Marina.

Apesar da ansiedade para o retorno da vida normal, após a pandemia, a tendência é que as assinaturas dos serviços se mantenham firmes, já que as pessoas acabam se apegando aos conteúdos consumidos, como é o caso de Laís. Marina, por sua vez, pretende manter as assinaturas, mas reduzir a quantidade de tempo em frente à televisão assim que as atividades de lazer, como bares, restaurantes e baladas se normalizarem. “Acho que continuarei assinando, mas vou assistir menos quando as coisas voltarem a funcionar. Depois de tanto tempo vendo festas e rodas de amigos apenas pela TV, não vejo a hora de voltar a viver como se estivesse em um filme também”, finaliza.

EXCESSO DE TECNOLOGIA CRIA GERAÇÃO DE VICIADOS EM TELAS

“Tecnologia faz parte de uns 99% das atividades que faço diariamente” conta usuário

THOMAZ CAVALCANTI

A tecnologia foi algo que evoluiu muito ao longo do século XX e ela vem progredindo cada vez mais durante o século XXI, com essa evolução pode-se perceber algo que vem crescendo entre os jovens e as novas gerações, que é o vício em tecnologia, como os smartphones, os computadores e os videogames.

Os estudantes de biotecnologia Guilherme Romualdo, de 20 anos, e Gabriel Arantes, de 21 anos, assim como muitos outros jovens de sua geração, eles próprios se consideram fanáticos pela tecnologia, desde o celular até o computador.

“Eu não consigo me lembrar da última vez que fiquei sem internet, celular ou computador não consigo imaginar um fim de semana comum sem essas coisas. Com certeza, eu passo a maior parte do meu dia na frente de uma tela, seja televisão, videogame, computador e celular. Então tecnologia faz parte de

uns 99% das atividades que faço diariamente”, conta Guilherme.

“Eu me considero dependente da tecnologia, pois 90% do meu dia eu utilizo celular, computador, televisão e afins. A tecnologia para mim é algo inovador e que facilita muito a minha vida, além de proporcionar diversão e me aproximar dos meus amigos nesse momento de isolamento. Assim eu acredito que a tecnologia seja um benefício na vida cotidiana das pessoas, pois dinamiza tudo na sociedade, pode eliminar a burocracia, permitir conexões a distância ou mesmo ser usada como uma forma de diversão”, conclui Gabriel.

Sendo totalmente dependente de tecnologia, Guilherme imagina que com a ausência dela em sua vida cotidiana chegaria a “endoidar”, sendo preciso se ocupar muito com trabalho ou lazer para suprir a falta de tecnologia.

Já Gabriel, acredita que a vida cotidiana sem a tecnologia seria uma realidade bem diferente.

“Ainda mais nos dias de hoje em que dependo de tecnologia até para festejar meu aniversário online”, completa.

Eles também imaginam que, em uma próxima geração, a relação das pessoas com a tecnologia partiria da premissa de que a evolução tecnológica as atividades cotidianas seriam ainda mais eficientes e facilitadas pela tecnologia, mas por outro lado isso criaria pessoas cada vez mais dependentes dela do que as atuais.

Segundo o psicólogo Angelo Guliní a tecnologia nunca foi tão avançada como ela é atualmente, então as novas gerações estão muito mais bem supridas de tecnologia do que as outras, portanto é natural que elas recorram a ela, pelo fato de que a tecnologia apresenta uma possibilidade de soluções muito rápidas, sendo algo imediato.

“Como por exemplo, se eu quero saber de alguma informação eu não preciso recorrer aos livros ou ao dicio-

nário, basta eu digitar no Google pelo smartphone”, conclui.

Ainda segundo o psicólogo, apesar de a tecnologia como o celular e o computador possuir a sua utilidade e importância, ela pode servir como uma válvula de escape, como fuga da realidade, gerando um vício mesmo.

“A pessoa vicia por que ela tenta resolver através da tecnologia todas as dificuldades que ela tem na vida, e isso é só uma ilusão pois quem busca essa solução não a encontra. Então o problema é que ela não é usada somente para simplificar e facilitar a vida, podendo ser usada como um enteopente, uma droga que dopa, então aí já fica mais complicado, ele não só facilita a vida como ele pode complicar a vida da pessoa, assim a pessoa se torna muito distante das relações humanas e acaba não se desenvolvendo, pelo fato de que o ser humano só se desenvolve com outras pessoas e não nas máquinas tecnológicas”, conta.



MUKBANG FAZ EXCESSO DE COMIDA VIRAR “SHOW DE HORRORES”

Pessoas que transformam refeição em entretenimento, alimentam a ansiedade de quem assiste e de quem faz

MARINA PARADA

Mukbang, em hangul (alfabeto coreano) significa, literalmente, emissão de comida. O espetáculo não precisa de palco, mas de uma mesa, uma câmera, um personagem e muita comida. Alguns investem em bom equipamento, como microfones mais sensíveis e fazem, junto à performance visual, a auditiva com o ASMR (Autonomous Sensory Meridian Response), que são sons usados para relaxar o usuário — sons de mastigação, voz sussurrada, embalagens abrindo, dedos teclando e outros tipos de sons, e fazem, desta forma, o vídeo ser um atrativo completo para quem gosta e procura.



Criado na Coreia do Sul, no final dos anos 2000 e levado para os Estados Unidos anos depois, o fenômeno chega ao Brasil e atrai diferentes tipos de pessoas de variadas idades. youtubers brasileiros chegam a ter mais de 100 mil visualizações por vídeo e muitos pedidos de comidas que os internautas querem assistir.

Segundo o levantamento de 2020 da NutriNet Brasil, maior estudo sobre alimentação e saúde já realizado no Brasil,

feito pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens) da Universidade de São Paulo (USP), houve um aumento no consumo de alimentos não saudáveis e ultraprocessados durante a pandemia do novo coronavírus. Isso se deve ao aumento, também, de quadros de estresse e ansiedade aguda.

MUDANÇA DE HÁBITO

Felippe Micheli é estudante e acompanha alguns canais de receita no You-

Tube. Recentemente, descobriu a onda dos mukbangers e se interessou pela peculiaridade do conteúdo, o que o levou a mudar sua alimentação por conta dos vídeos. “Descobri sem querer um canal onde uma mulher se filma almoçando e jantando. No início, achei aquilo bizarro, mas depois não conseguia mais parar de ver”, conta.

Felippe sempre teve dificuldade de se alimentar — comia comidas específicas e mantia a dieta restrita por conta dos treinos. Depois de conhecer os vídeos, o estudante passou a comer comidas que nunca imaginou. “Comecei a gostar de cebola na comida, por exemplo. Algo que, para mim, era fora de cogitação. Carne com gordura, farofa, entre outros alimentos que não tinha o costume de comer. Graças a este canal, minha alimentação hoje é outra”, explica.

Segundo a psicóloga Danielle Zeti, especialista em saúde mental, a compulsão alimentar surge de crises de ansiedade, decorrente de traumas que a pessoa pode ter vivido. É preciso ter atenção às práticas diárias e como isso pode influenciar na vida das pessoas. Como, por um lado, os vídeos ajudam a Felipe, de outro, podem prejudicar e aumentar a ansiedade de quem assiste e até de quem faz.

FUNERAIS À DISTÂNCIA E CRONOMETRADOS: PANDEMIA FAZ LUTO FICAR AINDA MAIS DURO

Processos de despedida são parte essencial na aceitação da morte, mas ficam mais difíceis por conta da Covid-19

HENRIQUE ESCHER

Velórios suspensos, sepultamentos rápidos e caixões lacrados, é assim que estão acontecendo os processos de perda em meio à pandemia do coronavírus. Rituais têm um papel importante no processo de falecimento, por que são momentos concedidos para expressar a dor, para se despedir do ente querido e atribuir sentidos à morte rodeados de amigos e parentes.

Norma Moraes Bellini, de 97 anos, também foi vítima do vírus. “Ela estava na casa de repouso, vacinada com as duas doses e começou a apresentar sintomas em 2 de junho e deu positivo no dia. Foi levada ao hospital na sexta-feira, dia 11”, contou Délcio, entristecido com a situação da mãe. “É angustiante não poder acompanhar a mãe nessa situação, não poder entrar no hospital... minha sobrinha, fisioterapeuta, traz notícias e, nesses casos, mesmo sabendo que ela tem muita idade e que não há esperanças



dela sair disso, é muito doloroso”, completa o filho mais novo da Dona Norma.

Em Ribeirão Preto, os velórios acontecem com no máximo dez convidados na sala e distância de dois metros entre os presentes, sem passar das seis horas de sessão. Assim foi a rápida despedida da Dona Norma, sepultada ao entardecer somente na companhia dos seus filhos, conforme o Decreto Legislativo Municipal 39548, em vigor desde abril de 2020.

Eurípedes Melo Silva, nascido na região de São Joaquim da Barra, foi vítima do coronavírus enquanto morava no estado da Bahia. “Ele sentiu uma gripe forte, quando piorou, foi até ao hospital onde realizaram um teste que deu positivo ao vírus. Passou dois dias no hospital e morreu em 15 de abril, na Sexta-Feira Santa. Não houve velório e nenhum dos seis irmãos conseguiram ir até o sepultamento. Foi uma morte tão

repentina, que eu não consigo acreditar que ele se foi”, contou Sueli Melo Silva, de 61 anos, irmã de Eurípedes, ainda muito comovida.

Segundo a psicóloga Jazmín Martínez, que, atualmente, está atuando como voluntária, atendendo famílias e vítimas da Covid-19 no Amazonas, os velórios são fundamentais para o processo de compreensão da perda. “Não estar presente nos últimos dias do ente querido na despedida tornou-se uma circunstância comum gerando sentimento de impotência, culpa, vazio, angústia, raiva e dificultando a compreensão das etapas do acontecimento”. A psicóloga complementa que, dentro das possibilidades de cada um, a ajuda pode vir de maneira simples, um telefonema, uma mensagem, ouvindo e acolhendo o enlutado, permitindo-lhe expressar sua dor e poder contar com um ombro amigo.

“
Não estar presente nos últimos dias do ente querido e na despedida tornou-se uma circunstância comum gerando sentimento de impotência

Jazmín reforça que o medo em relação ao futuro e o sentimento de impotência intensifica diante tantas mudanças impostas. Reunir-se, mesmo que seja remotamente, pode ajudar no restabelecimento familiar, assim como o uso das mídias para elaborar alguma homenagem póstuma, marcando a despedida, “o tempo do luto é particular para cada indivíduo, podendo durar meses ou anos, como é singular para cada um a retomada da vida e a aceitação da perda, mas é importante lembrar que a oscilação dos sentimentos é prevista e é normal. Reconhecer se o sofrimento está esvaindo com o tempo, se há completa ausência de dor, ou se está tendo dificuldades para dar continuidade na vida, o pedido de busca por ajuda especializada, com psicólogos, terapeutas e psiquiatras deverá ser feito pelo próprio indivíduo ou pela rede próxima de afeto”, diz a psicóloga.



FUNK SEXUALIZA MENORES, MAS É REFLEXO DA SOCIEDADE

Segundo especialistas, gênero musical mostra a realidade de quem precisa se tornar adulto mais cedo

PEDRO FERRO

O gênero musical funk é, há vários anos, muito criticado por mães, pais, políticos, estudiosos de música e pela população em geral por supostamente fazer apologias ao sexo e à sexualização de menores de idade. Enquanto alguns estudiosos defendem o funk por ser uma forma de expressão da sociedade, políticos e pais tentam fazer o possível para minar a popularidade do gênero musical.

Michele Ribeiro Dantas Colombo é mãe e não gosta que seus filhos escutem funk. "Pessoalmente, nunca gostei de funk e, nos últimos anos, as letras têm ficado obscenas demais, fazendo também apologia ao crime", diz. "Aqui em casa não escutam esse tipo de música e ensino aos meus filhos que eles não devem reproduzir atitudes apresentadas nas letras. Se reproduzirem essas atitudes



fora de casa, acredito que passarão a ser mal vistos pelas pessoas".

Inclusive, existem inquéritos e projetos de lei que acusam o gênero funk de "perverter" a juventude. Em 2015, por exemplo, o promotor Eduardo Dias de Souza Ferreira abriu um inquérito para investigar a possível "violação ao direito, ao respeito e à dignidade de crianças e adolescentes" nas músicas da MC Melody, MC Brinquedo, MC Plebeia e outros cantores mirins de funk. Mais recentemente, foi apresentado pelo vereador Brando Veiga, de Ribeirão Preto, um projeto de lei que propõe proibir que crianças menores de 12 anos sejam expostas às letras e danças de funk.

De acordo com Thiago Barbosa Alves de Souza, doutor em funk pela Universidade de São Paulo (USP), tais falas

sobre "perverter a infância" são exageradas e equivocadas. "O funk nos mostra a realidade das comunidades e lá as crianças têm experiências muito diferentes de crianças de bairros nobres, por exemplo. Antes de completarem 10 anos de idade, muitas crianças da periferia começam a trabalhar e ajudar os pais. Ou seja, acabam se tornando adultos mais cedo", diz.

"Então, quando ouvimos letras falando de jovens em bailes funk bebendo e tendo relações sexuais, é porque isso é uma realidade lá. Os menores de idade são expostos a uma realidade bastante diferente da realidade de outros jovens e, assim, se 'adultizam' mais cedo em muitos aspectos. Isso é, na verdade, um reflexo da sociedade brasileira como um todo", conta.

Ele ainda complementa dizendo que muito do conteúdo dito nas letras - como "Roça, roça, roça o peru nela, que ela gosta" da música Roça Roça do MC Brinquedo e "Essa novinha é profissional, ela senta gostoso demais" da música Novinha Profissional do MC Pikachu - não passa de uma brincadeira por parte dos cantores. "O que eles dizem nas letras não é pra se levar a sério. Eles mesmo não fazem o que dizem fazer nas letras".

Mesmo o funk representando a realidade da população das comunidades, o pesquisador Pedro Henrique Brinck Camargo, licenciado em música pela USP, defende que há muitos aspectos negativos apresentados nas letras das músicas. "A sexualização do menor está presente na história de diversas sociedades. Até o século passado, por exemplo, era extremamente comum casamentos entre uma jovem menor de idade e um homem muito mais velho", afirma.

"O funk proibidão nos mostra algumas características negativas da sociedade brasileira. Características que a própria sociedade poderia refletir sobre e trabalhar para mudá-las", complementa.

Embora se contraponham, Thiago e Pedro Henrique concordam que o funk e todos os seus subtipos "não vão a lugar nenhum". "O funk é uma forma de expressão, é cultura. Assim como no rap, os cantores de funk cantam sobre o que é comum na realidade deles e, com isso, conseguimos ver de forma clara a diferença entre as experiências de vida dos brasileiros", afirma Thiago.

FÃS TRANSFORMAM AMOR EM TATUAGENS

Admiração por ídolos da música e do futebol fica gravado na pele de quem é louco por eles

MARISSA MENDONÇA

Karina Leão Granado é fã com F maiúsculo de Neymar. Apesar de ser corintiana, ela se apaixonou pelo atacante brasileiro quando ele era astro do Santos, passando a colecionar tudo que encontrava sobre o jogador: revistas, fotos, almofadas e até um tote bag que conseguiu em uma loja.

Mas essas coisas de fã eram pouco para o tamanho do amor que seu ídolo despertava. A auxiliar de produção chegou a tentar transformar Neymar em um dos seus sobrenomes. A burocracia para alterar seu registro a fez desistir da ideia, mas não impediu de carregar o nome do ídolo em todos os lugares por onde anda.

Não se importando com a tradicional rivalidade existente no futebol, se encantou por um astro adversário e mar-



cou permanentemente o nome do ídolo na parte de fora do seu braço esquerdo, próximo ao cotovelo.

"Hoje em dia, me chamam de Neye e olho. Virou meu apelido e todo mundo me chama assim", conta a fã, que pensa em fazer outras tatuagens em homenagem ao atual jogador do Paris Saint-Germain.

Mas Karina não é a única que transformou a idolatria em um ornamento de seu corpo. Thais da Silva Rosseti acompanhou todos os passos do cantor Gustavo Lima entre 2013 e 2019 e também fez homenagem ao ídolo no braço.

A ideia surgiu durante um dos vários shows que a designer gráfica presenciou, a longo dos seis anos em que praticamente viveu em função do antigo ídolo. Sortada para visitar o camarim, ela ganhou um autógrafo na camiseta que vestia e resolveu fazer dele uma arte corporal.

Thais alega que a tatuagem foi uma espécie de agradecimento ao cantor, que considera ter sido essencial na sua recuperação de um quadro de depressão. Foi ouvindo as músicas de Gustavo Lima que ela conseguiu se erguer depois de um fim traumático de relacionamento.

"Neste momento, eu já estava bem com a minha saúde mental, já tinha passado a minha fase ruim. Eu disse a ele que faria a assinatura dele como forma de agradecimento, porque ele passou comigo o momento mais difícil e me tirou do fundo do poço, mesmo sem saber."

Curiosamente, Thais carrega hoje a tatuagem apenas como uma espécie de registro histórico daquilo que já viveu. O fanatismo pelo sertanejo ficou para trás e ela admite que não era um sentimento muito positivo.

“Hoje em dia, me chamam de Neye e olho. Virou meu apelido e todo mundo me chama assim”

"Na época, era meu refúgio. Mas, vendo hoje, considero loucura. Eu brigava com gente que não concordava comigo sobre ele, para mim tudo que ele fazia era correto, mesmo quando estava errado, eu o defendia", conta.

A psicóloga Daniele Juliani concorda que idealizar qualquer pessoa, especialmente alguém que você nem conhece pessoalmente e só acompanha pela imprensa e pelas redes sociais, não faz bem.

"Nenhum excesso é sadio, nem para o fã, nem para o artista. O amor incondicional que o fã sente por seu ídolo pode ser explicado pela idealização, em uma realidade inquestionável, que não depende da reciprocidade, fluido de coração, sem passar pela mente ou racionalização. Nesse sentido, são explicadas as 'loucuras' e com elas a mais conhecida, as tatuagens".



ROMÁRIO, RIQUELME E NEYMAR: A FEBRE DAS HOMENAGENS A JOGADORES



Batizar filhos com nomes de jogadores de futebol é uma mania passada de geração em geração; agora, a moda é chamar Neymar

ANA CLARA ALBUQUERQUE

Nomes possuem significados, desde os mais comuns, como “Maria”, que significa “senhora” ou “soberana”, e José, que é “aquele que acrescenta”. O nome da mãe de Jesus é o mais utilizado no Brasil, com mais de 11,7 milhões de registros, de acordo com o IBGE, e o nome do pai, José, é o segundo mais escolhido, com 5,7 milhões.

HOMENAGEM

Mas existem também os bebês que não levam um nome considerado sagrado, porém, ainda assim, em homenagem a grandes personalidades – nesse caso, do futebol. Paolo, de dois anos, já carrega um significado diferente em seu nome, que originalmente é “aquele com baixa estrutura”. Pelo contrário, este significa para o pai, Diego, que nada tem a ver com Maradona, “um gol de cabeça aos 23 minutos do segundo tempo, de Paolo Guerrero na final do Mundial de Clubes, e a vitória do

Corinthians em cima do Chelsea”. Hoje o jogador não defende mais seu time de coração, mas a admiração continua.

“A história já foi escrita. Ele honrou o manto, e eu já havia decidido colocar o nome do meu filho de Paolo na final do Mundial de 2012, na época eu nem conhecia minha esposa, então, independentemente de pessoa que eu estivesse, eu iria explicar a importância do nome para mim e esperar que entendesse. Não teria outra escolha de nome”.

Mas com 130.348 variações de nomes no Brasil, claro que existiriam os “Taffareis”, “Messis” e “Neymares”, e até mesmo os “Ronaldinhos”, que hoje representam 234 pessoas, e os “Robinhos”, nome dado a 246 bebês nos anos 2000. Contudo, apesar de tantos ídolos brasileiros, o segundo nome que mais cresceu no início do século, com um aumento de notáveis 6.849% entre os anos 1990 e 2000, é inspirado em um argentino que ganhou três Libertadores pelo Boca Juniors, o ex-meia Juan Román Riquelme. Seus sobrenome conquistou cartórios do país de maior rivalidade, com 14.391 brasileiros registrados como “Riquelme”, de acordo com o censo demográfico mais recente.

TENDÊNCIA

O 1º Cartório de Ribeirão Preto confirma o aumento de nomes inspirados em jogadores – em época de Copa, um nome comum é Neymar. A tendência é que, na próxima pesquisa, um dos

nomes de jogadores mais crescentes seja o do atacante do Paris Saint-Germain. Já em 2019 e 2020, após a maratona de títulos do Flamengo, os nomes Bruno Henrique e Gabriel, atacantes do Rubro-Negro, foram registrados de forma incomum, com muito mais garotos com esses nomes do que anteriormente.

Contudo, o nome de jogador mais utilizado, segundo o Mapa de Nomes do IBGE de 2010, é do “baixinho” Romário, com 59.881 registros. O futebolista fez 70 jogos e 55 gols pela Seleção Brasileira, e com sua camisa 11, foi um dos grandes responsáveis pelo tetracampeonato mundial da Amarelinha em 1994. O feminino do nome também ganhou espaço, e hoje existem 1.315 “Romárias”. Esse é justamente o caso dos irmãos Romária e Romário Rocha.

“Meu pai já era muito fã, então minha irmã mais velha já ganhou o nome de Romária, e na Copa de 94 ele decidiu colocar meu nome de Romário, não por promessa ou aposta, mas por gostar muito do jogador”. E ele, não muito ligado ao futebol, acrescentou: “Eugostodomeu nome, virou até uma forma de iniciar assunto. É inevitável, mas não é algo que eu queira ser associado no futuro”.

Isso mostra que, apesar de não ter o mesmo alcance que as histórias bíblicas conquistaram ao longo de milênios, o futebol, com seus mais de 150 anos, leva seus contos e causos dos gramados para os cartórios e às vidas de milhões de pessoas. Agora resta aguardar a Copa do Mundo de 2022, o surgimento do próximo ídolo de uma geração ou de um grande clube brasileiro para o novo “boom” de nomes “diferentões”.

APOSTAS ESPORTIVAS CRIAM UM NOVO TIPO DE TORCEDOR

Tentar ganhar dinheiro com previsão de resultados esportivos transforma a experiência de torcer

VICTOR FERNANDES

Em 2018, quando a Lei 13.756 regulamentou casas de resultados de eventos esportivos e serviços online da prática, o mercado já tinha uma certa adesão pelo público e pelos torcedores. Porém, não se imaginava um crescimento tão grande também por entidades esportivas.

Com o passar dos anos, empresas gerentes de apostas cresceram exponencialmente e o mercado que hoje tem um giro em média de 4 bilhões, tomou um espaço de patrocinadoras de competi-

ções como a Copa do Brasil, e de times, como Flamengo, Bahia, Vasco, Botafogo e Santos. Essa relação de proximidade com times esportivos e organização pode gerar uma certa desconfiança por exemplos de fraudes, como em 2011, onde vários futebolistas e treinadores estavam associados com a Máfia da Itália que lucrava em cima de apostas.

Além disso, como os torcedores e pessoas que diariamente acompanham os jogos visando a oportunidade de ganhar dinheiro lidam com essa nova forma de torcer e acompanhar as com-

petições esportivas? Com o mercado cada vez mais aquecido e dentro do cotidiano do torcedor esportivo, como envolver seu dinheiro em jogos, interferir ou mudar a forma de torcer?

“Tem que ter muito autocontrole, porque se você começar a perder, e começar a apostar mais alto, consequentemente você continuará perdendo, você só vai ter prejuízo. E quando você está ganhando muito, você se empolga e quer apostar mais alto. Só que não é o mercado de renda fixa, é um mercado de renda variável, então você pode ter ganhado e começar a apostar mais

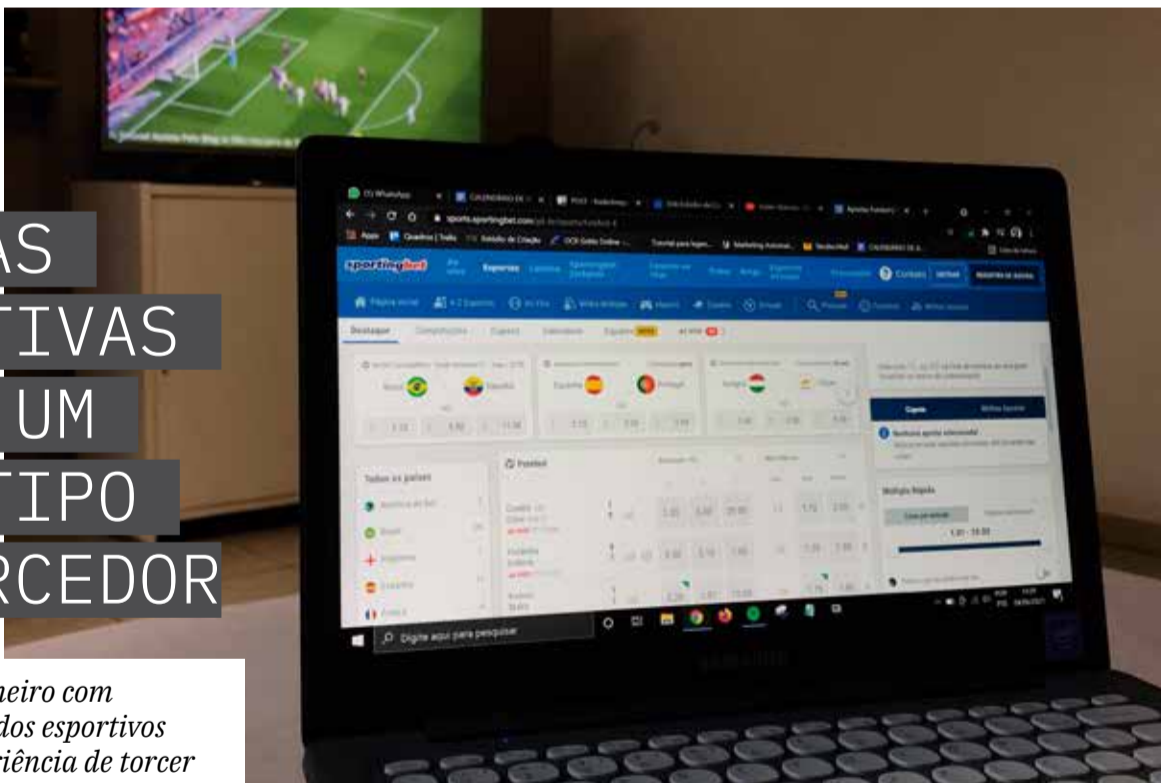
começar a perder tudo, então acho que vai de cada pessoa o auto-controle.”

Esse é Leonardo Oliveira, DJ de 22 anos, que não é um profissional da área, mas pensa em levar a prática mais seriamente. Segundo ele, apostar no time do coração não é um problema, porém ele ressalta ser pela boa fase do clube.

Ao ser perguntado sobre a confiabilidade do mercado em relação a campeonatos, é possível ter manipulação principalmente em maiores campeonatos, por envolver vários investidores além dos clubes e jogadores.

Há uma diferença entre quem aposta por diversão, e as pessoas que tratam realmente como uma forma de renda mensal. São os “traders esportivos”, que as pessoas inseridas no mercado são “apelidadas”. O trader profissional é quem trabalha diretamente com apostas, fazendo análises em cima de dados e tendências esportivas, é comparado a como funciona uma bolsa de valores em que é praticado o mercado de renda variável. Sendo normal lidar com perdas em sequência e ganhos “de vez em quando”.

E como nas bolsas de valores, personagens que influenciam outras pessoas aparecem. Exemplos como Theo Borges com 98,8 mil inscritos em seu canal do YouTube, que foca em pessoas que estão começando a apostar como profissional e Fabio Nettuno, um dos principais nomes no meio de traders esportivos, que tem mais de 63,9 mil seguidores em seu Instagram e 145 mil inscritos no seu canal do youtube.





PANDEMIA DEVE ATRASAR DESENVOLVIMENTO DE NOVA GERAÇÃO DE ATLETAS

Por Covid, crianças atrasam entrada no esporte e paralisam treinos essenciais para o futuro

CÁRILA COVAS

Passar meses impossibilitado de treinar por causa da pandemia pode impactar o desempenho de qualquer atleta. Agora imagine de quem está começando o trabalho a ser desenvolvido.

Para não se expor ao vírus, as crianças de cinco e seis anos tiveram que adiar em um ano o crescimento nas modalidades esportivas, e o tempo que passou fez com que essa faixa etária perdesse a iniciação.

Na ginástica, por exemplo, é comum observar o início na faixa etária dos 5 a 7 anos. A modalidade conhecida como 'cedo demais para começar tarde demais

para ser campeão', carrega consigo a polêmica da iniciação precoce da criança em competições, mas que é necessária para o desenvolvimento do esporte.

Segundo Nicéia Regina Fernandes Silva, professora formada em educação física e pedagogia, com a impossibilidade de inserção os trabalhos realizados eram voltados mais para a ludicidade e desafios.

"O que tentamos fazer para diminuir essa distância física é trabalhar com as crianças além das atividades físicas específicas. Fazíamos um trabalho lúdico e criativo intenso, elas realizavam desafios e postavam, registravam tudo o que era proposto", relata a professora.

Os desafios sobraram até para manter o interesse pela modalidade. Quanto a isso, Nicéia explica que foram feitas atividades ligadas ao lazer, com temas ginásticos, pesquisas de grandes atletas da modalidade, mas ressalta que essa foi apenas uma maneira de inserir as crianças na ginástica.

"O que fizemos foi para tentar reduzir os impactos dessa pandemia e inseri-las no esporte com essas atividades diversas, mas nada como o treino físico devido a especificidade da modalidade", conta.

Contudo, a professora enfatiza que cada etapa é importante e a vivência física são mais que necessárias e afirma

que a próxima geração pode sofrer com o desempenho.

"Não acho que a projeção da ginástica estará comprometida, mas sim que alguns países, e no caso o Brasil com certeza, terá que buscar recursos para se reinventar e não deixar o prestígio que conseguimos conquistar de algum tempo pra cá", conclui.

Para Juliane Bittar Vieira, educadora física e professora de natação, que trabalha com iniciação de 7 a 16 anos, por mais que a alternativa seja a tecnologia, não corresponde de forma efetiva no condicionamento do atleta.

"Mesmo com os treinamentos em casa, o desempenho cai bastante sem o professor/técnico para acompanhar, incentivar e corrigir os movimentos", relata Juliane.

A educadora física retrata o prejuízo do ponto básico e mais importante da carreira de um atleta, que é a inserção e os primeiros anos. "Nesse momento, muitas crianças estão perdendo essa oportunidade, pois quanto mais cedo se inicia, melhor será o desenvolvimento motor."

"Os professores terão o desafio de trabalhar com essas crianças futuramente e tentar minimizar o tempo perdido", afirma Juliane.

O caminho até o profissionalismo é traçado por um longo processo que os jovens têm de percorrer, e que nesse período de pandemia se torna ainda mais delicado pela ausência de treinos presenciais e pela falta de acompanhamento e iniciativa, o que deixa em risco o nível das modalidades no futuro.



BOCHA SE REINVENTA NA PANDEMIA

O esporte aposta em seu dinamismo para se adaptar às medidas de isolamento social

ANDRÉ BETTARELLO

A treinadora Juliana Maciel de Oliveira encontrou um desafio na pandemia: manter seus atletas motivados. Ela conta que está com dificuldade de encontrar lugares onde possa dar aula de bocha paralímpica de forma adequada. "Um dos meus alunos está treinando na garagem de casa, porque foi o piso mais adequado que encontramos", diz.

O piso ideal para a prática da modalidade deve ser liso e plano, porque o objetivo do jogo é posicionar a bola

o mais próximo possível de uma bola menor, chamada bolim, lançada previamente. Juliana explica que a bocha é um esporte muito dinâmico e abrangente, por isso segue na busca de um local adequado para que seus jogadores treinem seguindo os protocolos de segurança.

As associações tiveram que se reinventar para manterem seus atletas praticando a modalidade durante a quarentena. O treino em casa de bocha paralímpica surgiu para manter vivo uma prática que carece de torcida. Luciana Merath de Medeiros, treinadora de bocha, explica que em seu clube cada atleta recebeu um kit com os materiais necessários para treinar.

Até técnica conta que concessões foram feitas para que todos os alunos conseguissem praticar com segurança, dentro de suas casas. "Como não tínhamos kits para todos os atletas, o clube precisou dividir alguns deles para que todos pudessem treinar", explica. Essa foi a solução que ela e sua equipe encontraram para não perderem contato com o para esporte.

Os treinos em casa funcionam da seguinte maneira: os professores elaboram os exercícios semanalmente e enviam para os alunos realizarem. A equipe optou por não fazê-los de forma síncrona porque muitos dos atletas necessitam de ajuda. Por isso, cada um realiza as atividades quando pode, filma e envia para avaliação e feedback.

ALÉM DO ESPORTE

Não foi só a modalidade paralímpica que sofreu com os impactos da pandemia. A bocha convencional e, até mesmo, o esporte como hobby agora tem em cair no esquecimento com a falta da prática presencial e a impossibilidade de torneios e campeonatos entre os clubes.

Para muitos, a bocha está presente desde a infância e se tornou paixão. O empresário William Vander Toffano tem contato com a modalidade desde pequeno, por influência do pai, e ama o esporte até hoje. "Meu pai tinha um recreio e fez um campinho de bocha nos fundos para eu e meu irmão brincarmos, porque na época era uma prática proibida para menores de idade", conta.

Antes da pandemia, Toffano jogava bocha todos os dias. "Nós saíamos do trabalho às 16h e íamos direto para a bocha. Às vezes, não era nem para jogar, mas sim para reunir com os amigos, tomar uma e comer um petisco", conta. Em decorrência da pandemia do coronavírus e as regras de isolamento social, o empresário diz que não joga há mais de 1 ano.

Os recreios de bocha também sofreram com os efeitos da pandemia. Ribeirão Preto tinha apenas um recreio ainda funcionando, conhecido como Bochado Greggi, mas o espaço foi transformado. E agora, as canchas deram lugar às mesas de bilhar e as partidas de bocha ficaram só na memória.



AUTOAJUDA VIRA GÊNERO NÚMERO UM DO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

Segundo estudo, nove a cada 10 livros vendidos durante a pandemia são guias que pretendem ajudar os leitores

LIZ VELOCCI

Os livros sempre foram usados para elaborar e compartilhar conhecimento. Dos ensinamentos religiosos considerados sagrados, até as atividades escolares, todo aprendizado guardado em um formato escrito, se torna um livro. Não é uma surpresa que as pessoas procurem respostas para os problemas mais diversos em páginas até hoje, mas será que essa ajuda indireta é a mais efetiva?

Dominando as listas de “mais vendidos” já há vários anos, os livros do gênero Autoajuda são, sem dúvidas, um sucesso para o leitor brasileiro. Em um período da quarentena, a Nielsen (Empresa Global de informação de dados) relatou que 9 dos 10 livros mais vendidos

do momento se encaixavam nesse gênero. Mas para que servem esses livros, e a quem eles estão ajudando? E eles são a solução de um problema?

As obras variam por vários temas, com instruções sobre economia até manuais para lidar com o luto, sempre com o intuito de confortar e motivar o leitor. A estudante Maria Eduarda Donegá, de 19 anos, conta que não conseguiria manter sua rotina de cursinho sem ter lido o livro “O Milagre da Manhã”. “Faz muita diferença acordar um pouco mais cedo todo dia e meditar, traçar planos. Definir uma meta e visualizar ela toda manhã, se tornou o momento mais importante do meu dia”.

Diogo Leal Vallesi foi um leitor ávido de livros Autoajuda durante a quarentena. O estudante de 18 anos foi obrigado

a ficar isolado da família por meses na Tailândia, devido a complicações em sua documentação. Ele diz que foi uma combinação da psicoterapia com uma identificação a leitura que o ajudou a superar a solidão “Se tinha alguém escrevendo sobre o que eu estava passando, queria dizer que eu não era o único a me sentir assim”.

Apesar do sucesso e impacto na vida dos leitores, os livros não possuem uma solução para tudo “É interessante ler, mas não existe resposta mágica para problema nenhum” disse a psicóloga Danielle Zeotti. “O comportamento humano é singular e único, a mente humana tende ao infinito”.

A psicóloga diz que para haver mudança é necessário tocar feridas e vivências individuais, que não podem ser encontradas em livros ou manuais. Para quem procura ajuda, é necessário complementar a leitura com a psicoterapia, assim como Diogo fez. “Sempre que alguém te oferecer uma grande mudança, ou uma grande solução, por baixo do empenho, desconfie”, concluiu a psicóloga.

Esses livros que promovem rotinas saudáveis são uma ferramenta favorável ao bem-estar, afinal, “ajuda” está no nome do gênero. Mas não são uma solução. “Ainda não foi escrito nada que resolva a vida de qualquer um e todos. O dia que existir, quem escrever essa obra será rico” completou Danielle.

ARTISTAS APROVEITAM MEIOS DIGITAIS E TRANSFORMAM A PANDEMIA EM ARTE

Covid-19 vira inspiração para peça teatral e quadro sobre vacinação

LÉIA COELHO

“Adaptar a estreia da peça para o formato virtual foi o ponto de partida”, comenta uma das integrantes do Grupo Teatral Apanela de Ribeirão Preto, Ju Marques. O grupo pouco antes da pandemia estava com uma estreia marcada e diante da situação teve de migrar para o online, como diversos artistas que tiveram de se adaptar para continuarem produzindo. Além do grupo teatral, o artista, também de Ribeirão Preto, Ary de Lazari usou o dia da sua vacinação contra a Covid-19 como inspiração para pintar um quadro do momento.

O especialista em ação cultural e sociologia da cultura Marco Antônio de Almeida fala que os artistas passam por ajustes de acordo com as circunstâncias e desenvolvimento da tecnologia.

“A arte se utilizou das tecnologias disponíveis, seja gravando figuras nas paredes de pedra, desenvolvendo tintas e renascimento e futuramente os meios de comunicação”. No momento as plataformas digitais estão sendo usadas para expressões artísticas e o Grupo Teatral Apanela está lançando uma peça 100% online inspirada na rotina durante a pandemia.

O grupo vai usar a casa dos integrantes para compor o cenário com a intenção de “utilizar a arte para um momento de suspensão da realidade”, comenta a integrante Ju Marques. Essa suspensão da realidade é o que Marco de Almeida explica sobre as pessoas terem a habilidade de criar mundos distintos da realidade, “a capacidade e ao mesmo tempo necessidade dos seres humanos em produzir e construir

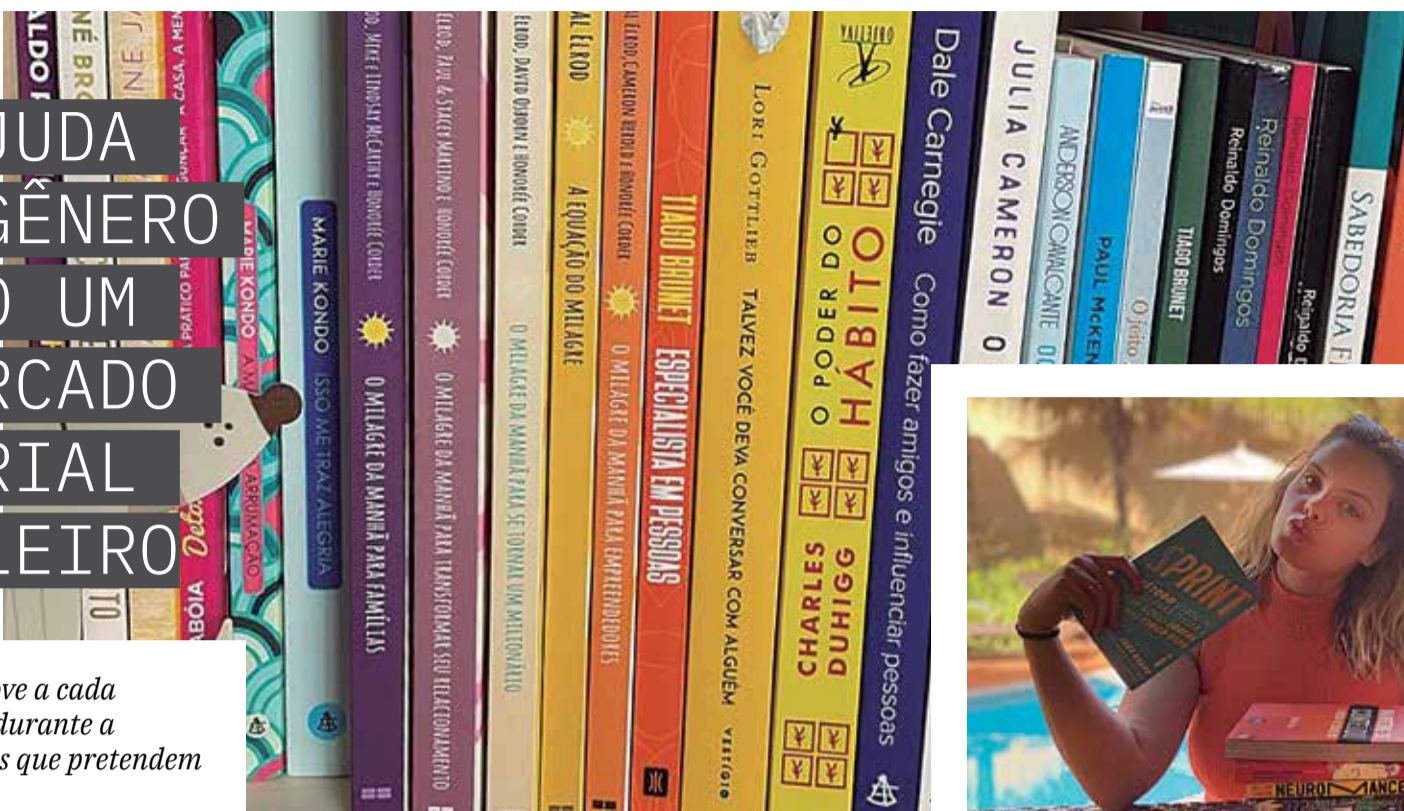


mundos simbólicos, mundos da imaginação está presente em todas as etapas do desenvolvimento da humanidade”, essa carência em criar mundos que representamos imaginário acaba se tornando arte, a representação física desta criatividade.

As adaptações no mundo artístico marcam momentos da história da arte que futuramente podem ser estudadas, uma vez que a arte faz parte da trajetória do ser humano no mundo desde os primórdios, antes mesmo da invenção da escrita os homens pré-históricos faziam

pinturas nas cavernas, pinturas que hoje em dia são estudadas junto com outras manifestações artísticas que marcam momentos da existência humana.

Esses artistas têm utilizado das tecnologias atuais para transformar um momento tão delicado e triste em expressões que aliviam e trazem esperanças, o especialista Marco de Almeida ainda confirma que as próximas gerações podem estudar essas formas de manifestações artísticas para entender o processo e o momento que estamos passando.



K-POP ROMPE FRONTEIRAS, CRESCER NO BRASIL E TRANSFORMA VIDAS

Linha fina. Violência, exploração do trabalho e empoderamento sexual temáticas do gênero

GABRIEL MELO

OK-Pop não é apenas um gênero musical nascido na Coreia do Sul e que vem conquistando fãs mundo afora nos últimos anos. Para pessoas como a estudante Maria Júlia Saboya, que mora em Ribeirão Preto, grupos como BTS, Blackpink e MonstaX são muito mais que isso.

“O que me conquistou foi que não é só um estilo musical, mas uma indústria muito complexa também e que abrange muito mais do que só o estilo pop. O fato de eles treinarem por anos para seguir a carreira, o tempo gasto pensando em cada detalhe (roupa, jóias, cabelo, maquiagem, cenários, coreografias etc.) também são fatores fascinantes”, afirma.

O ritmo que se tornou queridinho do público jovem é um dos mais escutados no mundo e também está em trajetória ascendente por aqui. De acordo com o Spotify, o número de exibições das músicas do pop sul-coreano cresceu 47% no



Brasil durante o ano passado, e o país já é o quinto maior mercado consumidor do gênero no planeta.

A maioria dos fãs do K-Pop conheceu o estilo há pouco tempo, graças a essa onda de fama crescente que tem se espalhado pelo mundo. Mas também exis-

temos amantes de longa data da música produzida na Ásia.

“Conheci o K-Pop em 2006, mas na época eu nem sabia que existia Coreia. Na minha cabeça, era uma banda de pop japonesa. Na época eu só conhecia uma banda e logo eu comecei a voltar a minha atenção para a cultura japonesa mesmo. Assistia muito anime, lia mangá e gostava de algumas músicas de j-rock (rock japonês). Em 2010, eu voltei a procurar aquela banda, me apaixonei novamente pelo estilo de música e comecei a procurar mais sobre a cultura”, diz a jornalista Mariana Carvalho.

A microempresária Danny de Faria também é uma amante do gênero. Apesar de já ter 44 anos, ela compartilha da mesma paixão de vários adolescentes e jovens. E mais: conta que o K-Pop transformou sua vida.

“Conheci através do meu filho mais novo, Luka. Em 2018, eu tive uma depressão e ele ficava muito tempo comigo. Então, me apresentou o BTS e eu me interessei a princípio somente pela batida e a melodia. Depois, quis conhecer mais fundo e descobri que o BTS tinha um trabalho bem mais profundo que somente fazer música de K-Pop. Eu aprendi a me amar através das letras do BTS”, conta.

O amor pela banda levou a microempresária a viajar para o Canadá para um show do grupo. “Em 2018, quando eu tinha acabado de sair da depressão como presente por estar meu marido

me fez essa surpresa. Fomos em dois shows, nos dias 20 e 22 de setembro em Hamilton e Toronto.”

PRECONCEITO

A comunidade que acompanha o K-Pop muitas vezes é bastante atacada nas redes sociais. Na opinião de Maria Júlia, isso é culpa de um preconceito que existe contra a cultura asiática.

“Bom, eu acho que o que acontece é que quem fala mal não tirou um tempo do dia pra conhecer as milhares de vertentes dentro da indústria. Um dos fatores para isso é que eles são de uma cultura totalmente diferente e existe um preconceito com a linguagem e com a aparência que eles têm”, avalia.

Já Danny não se intimida com a idade e diz que não sofre dentro da comunidade fã do gênero por ter uma idade mais elevada do que a média. “O preconceito existe muito pouco no próprio fandom, nós somos chamadas de Noonas que são as Armys mais velhas, e as Armys mais novas nos pedem conselhos e não se importam com nossa idade.”

Existem Armys de 70 anos que vão a shows, como existem Armys de 7 anos, não há uma regra. O verdadeiro preconceito mesmo vêm das pessoas de fora do mundo do K-Pop, como familiares ou amigos que curtem outros gêneros. Eu mesma nunca sofri porque eu não dou espaço para que ditem o que eu devo ou não amar”, completa.

COMO O RAP SE TORNOU (E CONTINUA SENDO) A VOZ DA PERIFERIA

Violência, exploração do trabalho e empoderamento sexual estão entre as principais temáticas do gênero

PAULO RICARDO

“Esse não é mais seu, ó, subiu - Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu”. O verso é de Mano Brown, líder do grupo paulista de rap Racionais Mc's. A frase em questão é da música 'Negro Drama' e define muito bem a energia e a missão do estilo, forte como o tiro de um fuzil 762 e reflexivo como um verso poético de Gonçalves Dias.

Entre versos rimados, a forte poética lírica e os graves impactantes do beat, o rap dá voz à periferia, denuncia crimes raciais, fala sobre desigualdade social, ensina sobre as trágicas realidades e o resultado do esquecimento de vidas pelo estado neoliberal e registra a participação dos esquecidos pelos livros de história. Em uma das principais vertentes do estilo, popularmente chamada de “Rap de Contestação”, os problemas da sociedade são expostos e discutidos



pelos vítimas desses problemas e levam para dentro da periferia a reflexão de suas próprias realidades.

GÊNESIS

A capital do estado de São Paulo foi o epicentro do cenário do rap e hip-hop no Brasil, por meio dos bailes black, influenciados pelos acontecimentos na década de 70, e que eram uma ação política de luta pela consciência negra que se transformou em um movimento, denominado como Black Rio. “Em trabalhos de músicos como Tim Maia, Cassiano, Tony Tornado, Jorge Ben, entre outros, ou nos bailes organizados por Dom Filó, o movimento black se consolidou e, em meados da década, os bailes blacks já eram uma dominância no lazer das periferias do Rio”, explica Dionísio Machado, professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

Influenciados por esses movimentos iniciais, a cena musical de São Paulo cedeu à força do hip-hop. A partir daí, foram poucos anos até o surgimento do Gangsta Rap, caracterizado por dar voz à vida de jovens que vivem nas periferias das grandes cidades, sobrevivendo ao cotidiano de violência e opressões estruturais. Na década de 90, surgiu um grupo que define o movimento: os Racionais Mc's. O grupo foi responsável por influenciar toda uma geração, lançando em 1997 o álbum “Sobrevivendo no Inferno” considerado pela revista Rolling Stone como um dos 100 melhores discos da música brasileira. O álbum é um marco para rap nacional e em 2018 foi publicado pela editora Companhia das Letras. O livro “é leitura obrigatória do vestibular Unicamp, e o que vamos ver a todo o instante na obra é a defesa da vida e muitos conselhos para a fuga do crime e a fuga das drogas. A faixa ‘Capítulo 4, versículo 3’ explica isso com precisão”, afirma

Valmir Saldanha, professor e mestre em Estudos Literários do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

O LEGADO

A partir da influência do estilo de composição do Racionais, que bebeu da fonte de grandes personalidades como Malcom X, Martin Luther King Jr., Tim Maia e Leci Brandão, o cenário do rap no Brasil passa por um florescer de artistas engajados em trazer à tona discussões que passam despercebidas ou ignoradas pelas lentes da grande mídia.

Como o próprio Emicida diz, “os nossos livros de história foram discos”. “Diário de um Detento”, do Racionais, expõe o massacre do Carandiru, em 1992, sob a ótica do presidiário. O resultado de traumas sistemáticos na formação humana é abordado em “Oorra”, do rapper Emicida, e o racismo estrutural é denunciado por Djonga em “Olho do Tigre”. Estes são apenas alguns exemplos de como o rap é uma das mais potentes expressões dramáticas.

O rap fala de um mundo que a sociedade, de um modo geral, tenta esconder, como as verdadeiras raízes da criminalidade, a exploração do trabalho, o empoderamento sexual, a diversidade de gênero, a negritude e diversos outros temas que muitas vezes causam incômodos e medo. Dionísio Machado aponta que “tratar de manter a periferia dentro da periferia é uma política pública velada de muitos projetos políticos no Brasil, que gêneros como o Funk e o Rap afrontam”. O professor acredita que o rap assume o papel que era da MPB na década de 70 e “por meio de artistas de grande potência como Racionais MC's e Emicida, a música politicamente engajada, de consciência identitária ou de territorialidades, mudou de endereço, da universidade para a periferia. E hoje faz o caminho inverso”.